



A MENINA QUE COLECIONAVA OSSOS

de: Kabräll Mendes

A MENINA QUE COLECIONAVA OSSOS

De: Kabräll Mendes



Introdução

Uma vem em casa, sempre em casa...

Todos nós temos um segredo em família. Todos nós temos uma chama que arde e clareia o nosso submundo pessoal e desperta a nossa alma para a vida eterna.

Vivemos em nosso mundo real e no mundo sobrenatural... É onde desafogamos as mágoas, as dores, os sentimentos e sempre atento para não se perder no labirinto das almas vivas.

Dormimos na realidade e acordamos na ilusão...

Na luz estarei. Na luz morrerei.

A minha história é simples e assustadora. Estou sempre em busca de desvendar um mistério que envolve a minha própria família desde o início da nossa geração familiar...

Quem quiser se juntar a mim e tentar desvendar na longa trilogia os segredos abomináveis da minha família, se prepare e viva na luz da vela...

...com um sopro você some.

Esclarecimento do escritor

O conto a seguir é uma obra de autoria própria de: Kabräll Mendes. Os personagens e lugares são fictícios. As ações, dramas, suspense, violências, mortes; são de enredo criados na base do próprio contexto e da singularidade do autor.

O PRIMEIRO VOLUME de vários outros "CONTOS DA MADRUGADA" que virão, sempre serão de autoria própria. Alguns serão baseados em fatos reais e outros serão fictícios - beirando a realidade nas narrativas -.

Sou Kabräll Mendes. Sou um escritor amador que tem mente aberta para: contos, narrativas, ideias, criatividade de roteiro entre outros...

E decidi transformar meus "CONTOS" que passam constantemente em minha cabeça em livros de curtas ou longas metragens.

Espero que se aprofundem no(s) "CONTOS DA MADRUGADA" e sempre leiam; não só meus contos, mas todos os gêneros de - LEITURAS LIVRES -. A leitura te leva para mundos de várias imaginações e de conhecimentos; te relaxa e vós tiram do estresse cotidiano (que está de mais).

KABRÄLL MENDES

Índice

Capítulo 1 - Meu cantinho.....5

Capítulo 2 - Meu tio Jhon.....18

Capítulo 3 - Meu grande amor.....27

Capítulo 4 - Margarete.....42

Capítulo 5 - Amor. Meu louco amor.....60

Capítulo 6 - A luz da vela. Minha vida.....77

Capítulo 1 - Meu cantinho.

(...)

...Frio...

Faz muito frio no sótão...

Um cantinho pouco procurado por todos. É escuro, empoeirado, há teia de aranhas e casas de morcegos; devo insistir que é um lugarzinho pouco amável para muitas pessoas, menos para Débora Espirfan.

Débora Espirfan tem apenas 14 anos de idade. Ela é filha única. É uma morena linda, carismática, vaidosa e muito calada. Ela mora apenas com seu pai em uma mansão na colina. Ele se chama Alfred Espirfan. Ele tem 42 anos de idade. Trabalha de segunda a sábado em uma funerária como legista da pequena cidade de Ouro Azul.

A cidade de Ouro Azul foi fundada em 1908; antigamente era uma pequena vila com poucos habitantes. É uma cidade muito fria por devido à forte chuva que cai sobre a cidade com frequência. Às vezes, o sol surge, mas sempre é se intimidado entre as nuvens espaciais. Há poucos habitantes na cidade, mas não como antes; são pessoas felizes e muito seletas...

Há uma longa estrada que separa o casarão da cidade; cerca de 5km da cidade até a mansão dos Espirfan... A mansão onde eles residem passou de geração em geração - pai para filhos -. É um casarão com vários cômodos, muito antiga e de uma aparência assustadora. Seus hectares são imenso, quase incalculáveis... Cercada por várias árvores e montanhas, a mansão dos Espirfan some na colina diante às copas das árvores gigantescas...

Débora ama livros e as leituras, mas Débora nunca foi ao colégio, pois seu pai diz a todos que não tem o porquê ela frequentar o colegial por devido a sua grande inteligência... Débora não tem namorado - obviamente seu pai jamais iria deixa-la namorar assim tão nova. Não sai de casa, não tem amigos e nem familiares próximos a eles. A maior parte do seu tempo ela gasta no seu cantinho, no sótão. Ela fica lendo livros que seu pai

compra sempre quando pode. Vários gêneros de contos; de estudos, histórias, tudo que é tipo de livro ela ama ler...

Já é noite. A data é 31 de agosto de 1991. O relógio velho de pêndulo da sala marca onze e quarenta da noite. O céu está nublado; faz muito frio nessa noite, mas não chovia na cidade de Ouro Azul.

Por ser tão distante da cidade, a mansão dos Espirfan é muito silenciosa, tanto dentro como fora o silêncio é predominante... A escuridão à parte, faz o cenário ficar mais assombroso, domina a floresta densa lá fora e oculta a vista do casarão de todos.

De janelas fechadas e apenas um clarão de uma vela, Débora está deitada de decúbito ventral sobre o chão empoeirado do sótão e vai se aprofundando nas leituras de um livro de anatomia humana. Ela ama livros anatômicos. É os mais pedidos do seu pai: Anatomia e psiquiatria.

As horas vão se passando e Débora tranquilamente vai lendo o seu livro. Se vira para o lado direito, vira para o lado esquerdo, se senta, deita, mas não para de ler um segundo...

Seu quarto começa a receber *flash* de raios ultrapassados pelas vidraças das janelas cobertas nas cortinas... A corrente de ar frio entra pelas brechas sem ser convidado, o vento forte estremece as janelas... Nessa hora, Débora pôs seu livro sobre seu ventre: "*será que vai chover*", diz ela olhando para as janelas, "*espero que sim*", concluiu ela tornando as leituras...

Depois de um certo tempo, a chuva começou a cair sobre a cidade (o desejo de Débora concretizou-se). Ela desvia o seu olhar rapidamente para as janelas, deu um largo sorriso e voltou a ler de novo...

A chama da vela começa a dançar feito louca fazendo, assim, sombras dos móveis velhos se balançarem - *pra lá e pra cá* -...

Flashes de raios acusam as suas quedas sobre a floresta instantâneo. Débora pára de ler um pouco e fica em

silêncio. Novamente, ela descansa o livro sobre seu ventre bem devagar e vai virando a sua cabeça sutilmente para o seu lado esquerdo. Ela fixa seu olhar na parede e logo observa um vulto de um homem encostado a te olhar...

Débora, curiosa e encarando o vulto, vai se sentando lentamente e o pergunta:

- Quem é você? - a luz da vela não consegue iluminá-lo tão bem. Ela fecha seu livro e o coloca no seu lado direito enquanto ele fala com um vozeirão:

- Tudo bem com você, menina? - ele vem em direção a ela -, Meu nome é Neyvan! Eu moro do outro lado... - ele estende a sua mão direita para ela.

Débora, sem medo, continua sentadinha e o olha dos pés à cabeça. Ele se põe de cócoras diante dela enquanto ela o retruca:

- Não temos vizinhos! - ela olha para os lados -, Como você entrou aqui em casa?...

- ...amei o livro, menina! - Neyvan corta a conversa admirando o livro. Recolhe sua mão direita e sorriu para Débora enquanto ela diz:

- Meu nome é Débora - ela coloca a mão direita sobre seu livro -, e não "menina", entendeu! - ela puxa o livro para trás de si.

- Satisfação, Débora! - Neyvan estende mais uma vez a sua mão para ela, mas, Débora, sempre o ignorando, pega seu livro, o candelabro e se levanta...

Seu vestido preto está todo empoeirado devido ao chão. Seus cabelos longos e loiros vão balançando no ritmo do seu andar até a prateleira de livros. Neyvan, ainda de cócoras, a segue com o olhar sorrindo. Débora guarda seu livro enquanto o interroga:

- O que lhe trouxe aqui, Neyvan?

Neyvan se põe de pé e responde sem segredos:

- Venho através da luz dessa vela, Débora!

Débora olha curiosa para a vela no candelabro que está em sua mão esquerda sem entender nada.

- Como assim? - ela torna seu olhar para Neyvan -, não entendi! - Débora vai caminhando até ele novamente com passos lentos...

- Essa vela foi feita de gordura humana e com olhos de gato pelo o seu avô - ela olha para a vela e ele continua:
- A luz dessa vela traz meu espírito para seu mundo; como se fosse um holograma do meu espírito para esse lado.

Débora, como sempre curiosa, chega próximo de Neyvan e o pergunta:

- Por que meu avô hei de fazer essa vela, Neyvan?

Ela pôs o candelabro bem perto da face de Neyvan e a luz da vela o clareou perfeitamente: "Hã!?", Débora se assusta. Foi quando ela olhou seus olhos negros, seus lábios pálidos e rachados. Seus cabelos são negros, longos e ondulados. A sua face é como porcelana aveludada; não há cicatriz e tampouco marcas de eras... Seus dentes brilham como cristais e em sua cabeça, descansa uma linda cartola...

Neyvan se aproxima mais um pouco de Débora, inclinou-se um pouco para a frente, a encarou nos olhos e disse:

- Venha cá, menina corajosa - ele se chega mais -, vou te contar um conto. - ela esquiva seu corpo para trás "cabreira"...

Nessa hora, Neyvan é clareado pela a vela e pelo *flash* de raios que vinham do céu constantemente. A chuva não pára de cair. Gotas rolam sobre as vidraças das janelas e o vento "uiva" ao passar pela as brechas e balança as cortinas longas e encardidas. Débora rebaixa seus olhos de desconfiada e Neyvan apenas sorriu. Ajeitou a sua cartola puxando-a para frente enquanto seus longos cabelos caiam sobre a sua face assustadora. Ele se aproxima mais dela e começa a narrar o conto:

" - Tudo começou em 1940"...

...Ouro Azul. 1940

(...)

"Era uma época maravilhosa. Uma época de descobertas e de guerras também. Havia um grande poderoso que não murmurava e queria a qualquer custo o poder maior sobre todos..."

"Mas, diante de todas as guerras, da ignorância do homem, os habitantes do Ouro Azul se isolavam da ignorância, da guerra e mantinham sempre seus olhos virados para a nossa pequena cidade. A família do seu avô sofria com a miséria da guerra assim como quase todos na cidade. As famílias viviam mais de plantações e comercializações. A família do seu avô tinha suas terras mais abundantes... Havia: frutas, legumes, vegetais, cereais... Era onde a família do seu avô ganhavam o seu dinheiro de cada dia..."

"Seu avô tinha 18 anos de idade nessa época. Ele morava com sua mãe, Maria, seu pai, Paulo e suas duas irmãs - Antônia e Kate. A Antônia era a mais velha das duas. Já Kate, era a caçulinha dos três. Antônia era concentrada nos estudos e na arte: 'Quero ser uma grande doutora', dizia ela. Kate, a menor e a mais trabalhadora, ajudava muito a sua mãe nos deveres de casa enquanto Paulo e seu avô estavam na lavoura."

"Eles eram uma família feliz (na vista de todos da cidade), mas seu avô guardava um segredo bizarro e ambicioso dentro de si..."

No auge do início do conto, Débora vai se sentando enquanto Neyvan a acompanha com olhares...

"Em noites de lua cheia, enquanto seus pais e suas irmãs dormiam; sempre na calada de todos na cidade de Ouro Azul, ele fugia na finura, se embrenhava na floresta das sombras e só retornava nas primeiras horas da matina..."

"Ele passava a madrugada escondido na floresta em uma cabana que ele mesmo a construiu... Lá, ele começou a explorações do ocultismo. Ele queria porque queria entrar em contatos com seres místicos e do além..."

- ...Os dias se passavam, meses voaram e foi justamente em uma segunda-feira 13 que seu avô recebeu meu chamado...

- ...Como? - diz Débora frente a frente com Neyvan.
Ele a olha em seus olhos e continuou o conto...

"...seu avô estava deitado sobre uns aglomerados de palhas. Ele já estava exausto das experiências que ele praticava de livros daquela época, mas nada estava dando certo. Foi quando eu o evoquei:

"- Olá meu jovem?!"

"Ele ficou muito assustado com minha evocação; olhou para os dois lados... Para cima e para baixo... Para todos os cantos da cabana de apenas 4 metros cúbicos, mas não me viu.

"Ele sentou-se nos aglomerados de palhas e perguntou:

"- Quem está aí?!"

"Eu o respondi:

"- Você nunca vai me ver, meu jovem, a não ser que você faça uma vela com gordura humana e com olhos de gato.

"Fui objetivo e franco com seu avô e mais curioso ele ficou. Não demonstrou mais medo e nem pavor, apenas uma ansiedade e desejo que logo me rogou:

"- Como posso fazer essa vela, espírito? - ele se dirigiu para a porta da cabana e ficou olhando a floresta iluminada pela lua cheia.

"- É muito simples - disse-lhe eu -, mas, porém, é muito arriscado e perigoso para você, meu jovem..."

"- ...Me diga! - ele grita diante a floresta -, Eu não medirei esforços em fazê-la!"

"Seu avô entrou na cabana às pressas, foi à sua mesa de experimentos, pegou uma caneta tinteiro, um pedaço de papel acetinado e me clamou:

"- Estou pronto, espírito da floresta!

"Ele mal sabia quem eu era e já estava dando-me a sua confiança..."

- ...Nossa!... - Débora agasalha seu longo vestido e se acomoda mais no piso frio de madeiras do sótão.

A chuva, os raios e trovões não dão trégua lá fora... O vento frio continua seu "uivo" e estronda os telhados; Débora pôs o candelabro entre eles dois e continua a ouvir o conto...

"...Eu comecei a narrar passo a passo a magia simples, porém, muito perigosa para o seu avô:

"- O mais difícil é o mais necessitado: Mate uma pessoa em noite de lua cheia. Depois, aquecendo o corpo no fogo, retire uma porção de gorduras. Mate um gato na mesma noite e retire seus olhos. Esmague os olhos junto com uma porção de gorduras em um pedaço de pano ou de couro. Pressiona-os bastante até que saia todo o líquido e que fique apenas a mistura da gordura com os olhos e assim possa moldar a vela. Para você moldar a vela, use algo cilíndrico; pode usar um bambu: corte o bambu ao meio em corte vertical do tamanho desejado e depois com um corte passante horizontal. Coloque a pasta de gordura dentro. Uni as duas partes novamente com um pávio no centro a todo o comprimento, amarre e deixa descansar até que seque e fique bem solido..."

"Depois de fazer tudo isso, meu jovem, você poderá acende-la e logo me verá:

"- Posso ver apenas você ou várias entidades com essa vela? - disse ele.

"- Esta magia é feita para me ver. Eu não sei como é a magia das outras entidades, meu jovem!" - eu o respondi."

...Mais um raio caiu sobre a floreta das sombras. Débora dá um pulinho com suas mãos nos ouvidos do susto que levou do estrondo do raio que caiu nas copas das

árvores. Neyvan fica estático: "acalma-te", diz ele, "estou bem!", diz ela e continuou: "pode prosseguir o conto"

Neyvan sorriu e continuou a narrar o conto:

"Na manhã seguinte, seu avô estava muito pensativo na mesa na hora do café. Seus pais conversavam entre si, mas ele nem se quer abriu a sua boca para dá um 'bom dia' se quer. Seus olhos estavam arregalados, fixados para o além do horizonte. Suava frio e mordida seus lábios constantemente. Ele deveria estar premeditando alguma coisa em sua cabeça... O que seria? Eu não sabia dizer!"

"Não demorou muito para a próxima lua cheia..."

"À noite, o seu avô estava muito ansioso. Não jantou como de costumes e sempre estava em silêncio..."

"Por volta das 2hr da madrugada, seu avô estava sentado em sua cama, lia seu diário com uma expressão de desejos..."

"Após minutos de leituras e de pensamentos ocultos, seu avô se levanta, vai até a janela, olha para o céu limpo com uma grande lua cheia e se prepara para fazer o impossível em prol a magia com um ato ilícito. Ele tinha premeditado tudo... Passou 27 dias planejando seus planos macabros, bizarros, mas eu não sabia que ele era tão macabro e ganancioso assim em busca de poder..."

- ...O que ele fez? - disse Debora com seus braços apoiados em suas coxas a descansar a sua cabeça nas palmas de suas mãos com seus olhinhos esbugalhados.

"...O relógio de pêndulo da sala marca duas e meia da madrugada... O silêncio permanece por toda a casa. Lá na floresta, árvores dançam com o vento de verão que as batiam. Seu avô sai do seu quarto e vai caminhando lentamente até o final do corredor (é onde fica o quarto dos seus pais), abaixou a maçaneta e logo percebeu que a porta do quarto dos seus pais está trancada. Ele dá meia volta e vai para o quarto das suas irmãs - Kate e Antônia. Ele abre a porta do quarto delas na sutileza, entra e fica paradinho entre as duas camas. Ele as olha com um olhar frio e tranquilo: Antônia se mexia muito..."

A Kate dormia feito pedra - não se mexia por nada nesse mundo.

"Seu avô sentou-se na beira da cama da Kate e sussurrou em seus ouvidos: 'Kate?', ela não se mexeu, 'Kate?', ela não acordava, 'Kate?'..."

"...Ele retirou o lençol de cima dela sem que ela sentisse, a carregou no colo; foi saindo do quarto com ela em seus braços lentamente sem que a Antônia acordasse. Desceu as escadas, saiu pela a porta dos fundos e se embrenhou na floresta com ela..."

- ...Credo! - Débora pôs suas mãos na boca...

"...Quando seu avô chega em sua cabana com ela - depois de vinte minutos de caminhada - ele a deita nos aglomerados de palhas, acende apenas três velas, tranca a porta e cobre a única janela com um pedaço de couro na medida.

"Havia muita bagunça em cima da sua mesa de preparos. Ele pega a folha de papel que há escrito a fórmula que eu lhe tinha narrado ontem passo a passo e começa a executar o ritual..."

As horas vão se passando. Os trovões param de estremecerem o céu, mas a chuva permanece a cair na cidade. Débora e Neyvan continuam frente a frente enquanto ele continua o conto:

"A Kate tinha apenas 8 anos de idade. Era branquinha como talco, calada como a noite, esbelta e, com seus longos e negros cabelos, ela se parecia com uma sereia. Mas o seu avô, sem piedade da sua própria irmã, retirou as roupas dela e a deixou completamente nua. Cortou seus longos cabelos, amarrou suas duas mãos e as duas pernas e a deitou em sua grande mesa de preparação..."

- ...Pára! - Débora passa suas mãos em sua cabeça -, eu não acredito que... - ela pôs as mãos na boca.

Neyvan, com sua voz grave e irônica, elevou-se sentado e ergueu seus braços dizendo:

- Você vai me deixar contar?

Débora coloca as suas mãos na sua face, suspira e fala com sua voz já meio fragilizada:

- Continue, Neyvan...

- ...Hum! - Neyvan relaxa seu corpo novamente e continua:

"...Kate acorda assustada e começa a gritar e chorar, mas ele já tinha tampado a boca dela com cordas de couro. Ela se contorce toda em cima da mesa, grita com sua boca abafada pelo o couro, mas o seu desespero não demorou muito tempo. Ele encravou uma faca de prata bem no meio do seu peito, acertando, enfim, o seu pequeno coraçãozinho..."

- ...Que desgraçado! - Débora grita.

"...Kate sangra muito... Seu avô se desesperou com espirros de sangue em seu rosto, mas manteve a calma nessa hora.

"Depois de alguns minutos, O pequeno corpinho de Kate ainda ficou agonizando sobre a mesa enquanto seu avô se afasta e cai nos aglomerados de palhas.

"Deveria ter sido uma cena bizarra para ele..."

"Enfim, o óbito de Kate é diagnosticado por ele. Ele a carrega e leva o cadáver para fora e a coloca em cima de uns gravetos e palhas que ele havia preparado. Pôs querosene em cima do seu pequeno corpo e ateou fogo..."

"As labaredas flamejantes ficam clareando a floresta sombria por algumas horas... Seu avô, bastante ansioso, fica ao lado da fogueira decapitando o gato da Antônia... Ele retira os dois olhos do pobre bichano com seus próprios dedos e o resto ele lança na enorme fogueira..."

"Enquanto seu avô fica andando em volta da enorme fogueira humana ele permanece lendo o seu diário..."

- ...O que ele tanto lia nesse diário? - Débora, curiosa, interroga Neyvan.

- Te confesso que não sei!

Neyvan a olha nos olhos e continua o conto macabro:

"As árvores estão completamente amareladas com o clarão da enorme fogueira. Não se ouve som de animais noctívagos, apenas os estalos que galhos queimando na combustão. O corpo da pequena Kate se deforma rapidamente; a pele e gorduras começam a gotejar nas brasas e seu avô fixa seu olhar macabro diante aquela insana cena..."

"Quando o fogo conseqüentemente vai ficando baixo, ele retira o pequeno corpo da Kate em brasa e começa a rasgá-la com uma grande espátula até retirar uma grande parte de sua gordura amolecida pelo o fogo..."

"Depois de retirar a gordura na dosagem certa, ele mistura a gordura com os olhos do gato em um pedaço de pano e depois começa a torcer até que saia todo o líquido da mistura."

Débora fica pasma, enojada; não desviou seu olhar para nenhum local a não ser nos olhos de Neyvan:

- O que houve, menina? - pergunta ele.

- Nada! Continua! - diz ela.

"Depois desse longo e demorado ritual macabro, quase por volta das 5hr da manhã, seu avô retornou para a casa abatido e muito alucinado com seus próprios atos de crueldade. Mas ele nem tremia e nem demonstrou muito remorso. Entrou em casa na calma, tomou seu banho e foi dormir tranquilamente..."

- ...Ninguém sentiu falta da pobrezinha? - Débora se agasalha mais no chão...

- ...Sim! - Neyvan ajeita a sua cartola -, claro que sim.

"Durante o processo de solidificação da vela artesanal, todos na cidade estavam à procura de Kate. A sua mãe já estava ficando louca e seu pai desesperado com tudo que estava acontecendo. Seu avô, claro, participou nas buscas pela a Kate. Ele estava muito tranquilo e muito frio, não levantava suspeita - nunca ninguém imaginaria que poderia ter sido ele..."

"Passaram-se mais de um mês nas buscas pela a pequena Kate, mas nunca ninguém a encontrou... Para todos na

cidade, Kate foi levada por alguém ou foi devorada por algum animal da floresta..."

(...)

"Uma semana depois do fim das buscas pela a Kate, seu avô já estava ansioso para voltar a sua rotina macabra. A rotina de seus pais ainda era de tristeza, de agonia... Sua mãe ainda vivia em depressão; chorava quase todos os dias e todas as noites. Seu pai, para não se deprimir tanto, ele vivia na lavoura o dia todo, pois, de lá, saia o sustento da família e não podia parar..."

"O seu avô deixou mais dois dias se passarem..."

"Era uma noite nublada e fria. Não havia lua - no ponto de vista. A floresta estava muito calma nesse dia. Não se ouvia nenhum animal na floresta. Estava muito silêncio. Um silêncio assustador. Seu avô mais uma vez foge de casa. Ele estava muito ansioso para realizar a mágica. Com apenas uma lamparina em mão, ele some na floresta das sombras..."

"Caminhadas e mais caminhadas..."

"...Ele chega em sua cabana às 2hr da madrugada. Abriu o seu baú, retira a vela do bambu com muita calma, a coloca em cima da mesa de preparos, ajeita o pavio e, quando ele acende a vela, a luz da chama clareia a cabana e instantaneamente ele se vê ao seu lado esquerdo olhando para ele..."

"Por incrível que pareça, ele não se assustou. Vi em seus olhos que aquilo foi tudo para ele. Você precisava ver o semblante dele ao se ver ao seu lado..."

Débora e Neyvan, na longa narrativa do conto, estão sentados sobre o chão empoeirado do sótão frente a frente. O olhar da pequena Débora é de tristeza, fisionomia aterrorizada e pasma pelo o que tinha acabado de ouvir daquele fantasma da vela.

- Eu ainda não acredito que meu avô teve a coragem, a audácia de fazer aquilo com a sua própria irmã? - Débora fica com suas mãos em sua face e com sua cabeça baixa... Enquanto isso, Neyvan a observa com seu semblante frio.

A chuva ainda cai sobre a cidade. Neyvan a deixa sozinha sentada no chão e se levanta tranquilamente e vai em direção à janela. Suas mãos postas nas vidraças embaçadas e seu olhar fixo no infinito da floresta...

Aquele espírito transparente por falta da claridade da vela que está distante, faz Débora se amedrontar ao retirar suas mãos da sua face pálida. Ela olha para Neyvan assombrada e fala:

- Neyvan?! - ele olha para trás com seu olhar negro e a vê se levantar com o candelabro na mão direita -, tchau, Neyvan!...

- ...Não faça isso meni...!

Débora apaga a vela, abre toda a janela em sua frente e a joga com toda a sua força em direção ao enorme pasto lá em baixo.

Tudo em sua volta torna-se negro, absinto, sombrio... Débora ouvi vozes de fantasma, de crianças chorando; sente frio, há vazio em sua volta no exato momento que parece está tudo turvo em sua vista. Ela se deita no chão úmido chorando muito... Ela não sabe o que fazer. Aquela voz grave e sutil de Neyvan não saía da sua cabeça...

"Seu desgraçado!", ela começa a gritar, "Assassino!", Débora desaba em choro profundo e adormece após de horas de prantos...

Capítulo 2 - Meu tio Jhon.

Um dia depois...

Hoje é Sexta-feira, são 2hr da tarde.

A tarde está muito nublada. Chuviscava um pouco na cidade de Ouro Azul. As gotas do chuvisco se aglomeram e começavam a rolar pela as vidraças das janelas do sótão... Débora está deitada de decúbito dorsal sobre o chão frio e empoeirado do sótão. Seu braço esquerdo sobre sua fronte, seus olhos fechados, seus lábios carnudos entre os dentes, seus suspiros estão abusivamente ofegantes e suas pernas entrelaçadas se balançam no compasso da sua ansiedade...

Débora fica a pensar... Ela não está lendo hoje, está apenas a pensar e pensar...

De súbito, Débora abre seus olhos castanhos graúdos e se pôs a sentar rapidamente. Passou as mãos em seus cabelos os retirando da sua face estatelada. Levantou-se, foi até a janela e ficou olhando para a floresta... Ela passou quase uns cinco minutos lá estática, calada, se ouvia apenas o som das gotas de orvalhos batendo nas telhas e nas janelas do sótão. De repente, Débora olhou para trás com um olhar perdido. Foi quando Débora saiu do sótão às carreiras... Desceu as escadas, passou pela a cozinha, saiu da casa rapidamente e se embrenhou na floresta fria e escura.

(...)

...Débora passou quase meia hora correndo por dentro da floresta densa e úmida. A chuva começou a engrossar e ela já estava ficando quase exausta, desesperada... Seu lindo e longo vestido preto já estava todo ensopado, rasgado. Seus longos cabelos estavam um emaranhado de fios umedecidos. Seus suspiros ficaram ainda mais ofegantes... Débora logo se ajoelha no chão e começa a gritar: "Kate!", ela grita a cada dez segundos pelo o nome de Kate: "Kate!", Débora, com suas mãos na boca em forma de um megafone, chama por Kate desesperada: "Kate...!"

Depois do seu último grito ensurdecedor, Débora se deita no chão coberto de folhas molhadas.

Os pingos de chuva fria caem das copas das árvores sobre o pequeno corpo de Débora... Os sons dos animais da floresta entram em harmonia com cantos de assombrações. Débora, muito cansada, vai fechando seus olhos lentamente... é quando uma voz suave murmura em seus ouvidos:

- Teu pai...! - aquela voz ecoa em toda a mata.

Débora abre seus olhos lentamente ao ouvir a voz. Seus cabelos em sua face ofuscam sua vista e ela lentamente põe-se a sentar-se enquanto a voz continua a sussurrar em seus ouvidos:

- Teu pai...! Fala com teu pai, Débora!

Débora continua sentada e olha para todos os lados. Ela fica em silêncio por alguns segundos, suspira, fica com um olhar de desconfiada: "Quem estás aqui?", disse ela sussurrando para si mesma, mas, agora, o silêncio domina e a chuva começa a engrossar de vez...

É enlouquecedor aquele ambiente. A atmosfera é assustadora, parece que sempre alguém está a te olhar. O corpo sente calafrios, a sensação é de sempre ser a única pessoa no mundo; você não tem esperança de nada... parece que você perde o contato com a realidade... Se alguém visse Débora daquele jeito, teriam pavor em vê-la como ela se encontrava. Ela começou a sorrir enquanto a chuva te lava a alma. Ela se levanta, abre seus pequenos braços e corria de uma forma mais feliz do mundo; mas isso é assustador a olhos de outra pessoa...

9hr da noite. No mesmo dia...

Alfred janta solitariamente naquela cozinha ampla. Uma mesa de grande família com apenas Alfred sentado nela. Um enorme lustre a clarear o cômodo enquanto o som da chuva ecoa por toda a casa. Os corredores assustadores clareados com velas. O monótono *tic-tac* do relógio de pêndulo na sala trabalha infinitamente suas mecânicas soando solidão do tempo. A maioria dos quartos vazios; o casarão é mórbido, é escuro em quase todos os cômodos. Nesse momento, Débora está em seu quarto trancada.

Deitada de vista para a janela, ela observa a chuva lá fora cair. Seus pensamentos devem estar palpitando várias coisas, ela não se aquieta...

Uma enorme vela de cera está sobre sua a mesinha de canto da cama. O quarto todo revestido de papel de parede escuro com desenho de rosas roxas. A janela tem uma cortina grande amarelada, um pouco encardida e rasgada nas pontas. No teto há um lustre de 4 lâmpadas, mas ela nunca liga as luzes, e um ventilador que gira bem devagar e faz uns ruídos irritantes...

Alfred permanece sentado na mesa após a janta e está muito pensativo enquanto ler um pequeno diário... Após de alguns minutos, lendo e relendo o seu pequeno diário na mesa, Alfred se levanta e vai para o seu escritório.

Débora, enfim, sai do seu quarto. Ela vai andando lentamente pelo o corredor deslizando suas mãos nas paredes e sua sombra dança ao passar pelas velas nos candelabros fixo em cada esquina dos cômodos. Ela caminha como alma pela a casa em busca do seu pai - obviamente, ela já sabe onde ele está...

- Pai! - Débora abre a porta do escritório.

- O que houve, filha? - seu pai sentado em uma poltrona de frente à lareira vira a sua cabeça rapidamente para a esquerda e ver a Débora bem no solar da porta do seu escritório.

- Quantos irmãos ou irmãs o vovô tinha? - Débora vem se chegando na sutileza e se senta em um sofá bem de frente para ele.

- Por que a pergunta, minha filha? - Alfred coloca o diário entre a poltrona e sua perna esquerda.

- Estou curiosa, papai. Eu apenas queria saber mais sobre a família. - Débora, com um sorriso sarcástico se encosta no sofá...

...Alfred se levanta e caminha até um enorme armário que fica logo atrás da sua poltrona. Ele guarda o diário em uma gaveta do armário e na mesma, ele pega uma foto e fala:

- Meu pai teve apenas um irmão, minha filha. - ele fecha a gaveta -, Seu nome era Jhon, mas ele morreu há 20 anos

- ele vai em direção a ela -, depois de dois anos você nasceu, minha filha...

- Mas você soube a causa da morte dele, papai? - Débora o olha vindo em sua direção.

Alfred se senta ao lado de Débora, suspira profundamente e fala:

- Ele se matou, minha filha. Ele deu um tiro em sua própria cabeça...

- Como assim, papai? - Débora inclinou-se à frente do sofá olhando para ele.

- Falaram que ele não aguentava mais as traições da sua mulher, a Bárbara...

- Conte-me tudo, papai! - Débora recostou-se mais no assento do sofá e deu-lhe a atenção.

"- Tudo terminou em 1975..."

...Ouro Azul. 1975.

"Meu tio Jhon já andava muito estressado... Ele e Bárbara só viviam brigando: ela o acusava de ter uma amante no trabalho e ele a acusava de ter um amante quando ele saía para o trabalho. Nesses conflitos de 'amantes', o meu tio ganhou na aposta..."

"...Em uma noite de segunda-feira, o tio Jhon chegou em casa cedo depois de ter brigado em seu trabalho. Ao chegar próximo a porta da frente de sua casa, meu tio já ouvia os sorrisos da Bárbara e do seu amante - felizes e apaixonados..."

"...Meu tio Jhon deu a volta por trás da casa, pega um machado em seu depósito de ferramentas e entrou pela a porta dos fundos na sutileza. Retirou seus sapatos e

fica com os pares de meias em seus pés para não fazer barulhos nos passos e foi até seu quarto...

"...Ele foi tão frio e tão psicopata que ele esperou os dois terminarem o ato sexual - ele já sabe: Quando o cara ejacula, ele fica todo 'abestalhado'...

"...Quando, enfim, o cara começou a ejacular, meu tio entrou no quarto com seu machado bem amolado; o armou para trás e, com um único golpe, ele quebrou a coluna do cara ao meio. O sangue começa a espirrava pelos os quatros cantos do quarto. A Bárbara grita desesperadamente, mas meu tio retira o machado da costa do amante dela, o armou para trás novamente e bate o machado bem na cara dela que sua face se divide em dois pedaços. Mais espirros de sangue nos quatros cantos do quarto... É sangue para todos os lados... Meu tio começava a sua carnificina solitária naquela noite... Ele fez os dois em pedacinhos enquanto ele tomava um banho de gorduras de ferro vermelho...

"...Logo depois da sua festinha pessoal com os dois, meu tio vai até a sua gaveta, pega o seu revólver e vai em direção ao quarto de Brenda..."

- Quem é a Brenda, pai? - Débora o olha curiosa...

"...A Brenda é apenas filha da Bárbara. Ela tinha apenas 6 anos de idade, na época. Ele a acolheu quando eles começaram a namorar; cerca de uns 3 anos atrás, antes do massacre... Meu tio aceitou Brenda como se fosse a sua legítima filha, mas com as decepções e mágoas constantes da Bárbara, ele começou a criar raiva das duas conseqüentemente...

"...Então, nessa noite de sangue, meu tio entrou no quarto de Brenda, apontou o revólver na cara dela e falou carinhosamente: 'Coloca na boca, minha filha!'

"Brenda estava sentada em sua pequena caminha com seu conjuntinho amarelo de dormir. Ela estava muito assustada com os gritos que vinham do quarto dos seus pais. Ela olhou para Jhon, ergue seus pequenos braços e pega o cano do revólver com suas pequenas mãos e o puxa para si... Ela abre a sua boquinha avermelhada e coloca o cilindro brilhante entre seus lábios. Seus olhinhos

estavam vermelhos, as lágrimas não paravam de rolar em sua face de boneca...

"(Bang).

"...Meu tio Jhon, sem piedade, estourou os miolos de Brenda...

"O seu frágil corpo de foi jogado para trás com o impacto e a pressão de gás que saiu do cano do revólver. Pedacos cefálico sujam as paredes rosa. Seus ursinhos de pelúcia tomam banho de sangue. Seu pequeno corpo, ainda trêmulo sobre a cama, vai banhando de sangue o seu lençol de florzinha. Tio Jhon, olhando tudo aquilo que ele tinha acabado de executar, se desaba de ajoelhou sobre o chão diante o corpinho de Brenda ensanguentada na cama... Empunhou o seu revólver pela a última vez, coloca em sua frente e atira contra a sua própria cabeça...

"(Bang)"

Débora, ainda sentada, olhava Alfred ao seu lado enquanto ele lhe dava uma foto... Pasma, aterrorizada, magoada, ela fica olhando a foto enquanto seu pai fala:

- Esta é a única foto que eu tenho com ele - Alfred recostou-se no sofá -, eu tinha apenas com 22 anos de idade nessa foto. Ela foi tirada no ano de 1971.

Débora olhando para Alfred e o pergunta:

- De quem é essa casa que está atrás de vocês, pai?

- Alfred a olha nos olhos por um estante, mas logo se levanta e vai para a sua poltrona. Acende seu cachimbo preto e logo a responde:

- Essa casa é a dos seus avós, minha filha!...

- ...meus avós? - Débora se senta na beira do sofá enquanto Alfred continua...

- ...nós ainda éramos amigos nessa época antes de começarmos a namorar...

- ...namorar?! Quem, pai? - Débora deixa a foto ao seu lado.

- A sua mãe, minha filha!

- Hã?...

- ...nessa época ela tinha apenas 13 anos de idade e seus pais ainda não permitiam o nosso namoro; obviamente por devido a sua idade. - Alfred puxa um trago no seu cachimbo preto, sota a fumaça e continua: - Meu tio tinha uma amizade maravilhosa com a família da sua mãe. Todas às vezes, quando eu, meu pai e minha mãe íamos visita-lo, ele lá estava, tomando aquela cerveja e jogando baralhos com os irmãos dela. Isso foi há anos atrás, ele ainda não namorava Bárbara...

Débora se levanta e vai em direção a seu pai lentamente e o pergunta:

- O que aconteceu, de fato, com a mamãe, pai?

- Eu já te falei minha filha; ela me abandonou aqui nessa casa quando você tinha 5 anos de idade! Débora olhando em seus olhos a indagou profundamente:

- Essa nossa casa era do meu avô, né pai? Era do pai da minha mãe, né? Fala-me a verdade, pai!...

- ...por que tu estás me perguntando isso, minha filha? - Alfred se vira rapidamente para ela -, você acha que eu não posso ter uma herança dessa da minha família? - Alfred começa a engrossar ignorantemente a sua voz -, Acha que sou um aproveitador; ou, você está achando que eu a matei para ficar com essa casa? É ISSO?!...

Alfred se levanta grosseiramente... Diante de Débora, ele briga bastante com ela, mas Débora não suportou muitas vírgulas, se virou rapidamente e foi saindo do escritório muito angustiada. Alfred, muito brabo com ela, agora grita com seu tom de voz mais alta enquanto ela vai subindo as escadas sem olha para trás e logo se tranca em seu quarto...

Alfred está ofegante e muito chateando. Anda em círculo com seu cachimbo preto na boca. Constantemente suas mãos são elevadas a sua cabeça e recuam seus longos cabelos da sua face abatida. *O que deu nessa menina?* Suas perguntas mentais surgem em cada volta dada. *O que será que aconteceu com ela? Por que ela me tratou dessa forma?* Mais vozes interrogativas em seus pensamentos.

Sábado. 8hs da manhã.

O amanhecer do sábado nublado na cidade de Ouro Azul, sempre permite as pessoas ficarem mais tempo em suas camas com o clima aconchegante. O Vento sopra bastante as árvores e seus balançar emitem o som das folhas aleatoriamente na floresta das sombras. Alfred, em casa, acordou cedo. Toma seu café solitariamente antes de ir ao trabalho... Enquanto isso, Débora sai do seu quarto e vai para o sótão com passos acelerados... Naquela sua agonia de curiosidade ela vai vasculhando todas as caixas de bagulhos pessoais do seu pai e da sua mãe. Revira caixa por caixa, baú por baú; mexe em tudo por lá, nada fica sem a sua inspeção... Até que, de repente, Débora encontra uma foto intrigante. Com a foto em suas mãos, ela vira a foto e lê: Família Espirfan 1971.

Alfred termina seu café monótono e fica lendo o seu pequeno e misterioso diário na mesa. Os barulhos que vinham do sótão toavam por todo o casarão, mas Alfred apenas ouvia calado em seu silêncio pessoal.

(...)

- Pai? - Alfred olha para trás e vê Débora encostada na aresta da porta de acesso à cozinha.

Alfred fecha seu diário, coloca mais um pouco de café em sua xícara e fala:

- Me desculpas por ontem, minha filha! - Débora vem se aproximando e se senta em uma cadeira de frente para ele e pergunta:

- Quem são essas pessoas na foto? - Débora joga a foto na mesa bem perto dele.

Alfred estende a mão, puxa a foto mais um pouco para si e fica olhando a foto. Débora fica observando aquela sua atitude fria, tranquila, e logo o ouvi dizer:

- Eu sei que você pegou a vela do seu avô, Débora.

Débora fica com seus olhos estatelados e o interroga:

- Então, o senhor sabe sobre ele, né, "papai" - irônica, Débora se agasalha na cadeira e o retruca:

- Quem é ele, pai? Fala-me! Quem é aquela criatura na vela?

Alfred começou a suar frio, lágrimas começam a se acumular. Ele vira a foto para Débora, ainda na mesa, e aponta com seu dedo indicador.

- Nesta foto está: A sua mãe. A sua avó, a dona Joana e seu avô.

- Qual era o nome do meu avô, papai? - Débora olha para seu pai enquanto ele começa a chorar...

- Neyvan! - Alfred rebaixa a sua cabeça -, seu nome era Neyvan Espirfan, minha filha!

Lágrimas começam a rolar daqueles lindos olhos de Débora assim como as gotas da chuva começam a rolar sobre as vidraças das janelas da cozinha. Alfred apenas olha aquela linda menina estática, com lábios trêmulos e com semblante aterrorizada...

Os dois ficam em silêncio. Não trocam palavras um com outro durante uns minutos...

Alfred, sem mais nada a fazer, levantou-se e vai em direção ao seu escritório...

- ...Fala-me sobre eles, pai! - Débora, com sua voz em choro, nem deixou seu pai passar pelo o arco de acesso a sala para a cozinha direito.

Alfred pára. Olhou para trás e logo retorna à cadeira. Lentamente ele se senta, respira fundo e iniciou a narrar o longo o conto para ela:

"- Tudo começou depois que a sua mãe conseguiu o diário de magia do pai dela. Do seu avô..."

- Ela conseguiu!? - Débora se alerta.

Capítulo 3 - Meu grande amor.

Ouro Azul. 1971.

"...Como eu tinha lhe dito: a sua mãe estava com 13 anos de idade e eu estava com 22 anos de idade naquela época...

"A sua mãe me falou que queria me contar um segredo. Eu não liguei muito para saber o que ela queria me contar. Eu estava mais ansioso para estar coladinho com ela e beijá-la!...

"...Foi em uma noite de domingo, depois da igreja. Eu e sua mãe marcamos o local e nos encontramos no horário combinado. Nós fomos para o cemitério que fica por trás da igreja. Tivemos pouco tempo, mas foi muito produtivo o curto período...

"Enquanto eu estava querendo a namorar, ela queria me contar algo.

"- Veja Alfred! Este é um pequeno diário do meu pai! - a sua mãe o retirou da sua bolsa e me mostrou.

"- Você encontrou isso aonde, Hellem? - eu peguei o diário da mão dela enquanto eu a ouvia falar:

"- Ele me deu, Alfred!...

"- ...te deu? - eu seguro o diário em mãos -, mas o que tem neste diário? - eu olho nos olhos dela -, Por que ele te deu, Hellem?

"Eu fiquei esfolheando o diário rapidamente e fiquei muito assustado com alguns conteúdos que havia escrito lá...

"- ...Na verdade, meu pai relatou-me que vai embora de casa, Alfred. Ele ainda me falou que: se eu quisesse tê-lo ao meu lado era para mim seguir o conteúdo do diário que tudo daria certo.

"Depois daquele dia, eu mantive o diário comigo durante o tempo todo. O pai dela - seu avô - foi embora conforme ele tinha lhe falado. Nunca soube o porquê da sua ida e ninguém o viu sair. A mãe dela ficou louca com tudo aquilo que estava acontecendo na família..."

"Os dias vão se passando... Hellem e sua mãe já não estavam se dando muito bem uma com a outra. Foi quando Hellem me chamou para fugir com ela..."

"Não sei aonde eu estava com a cabeça quando aceitei a sua proposta - deveria ser porque eu a amava tanto!"

"...Nós fugimos em uma noite de domingo - é quando todos dormem profundamente em suas casas..."

- ...Vocês fugiram para onde, pai?

"Era uma noite de lua cheia. Havia nuvens espesas e o vento frio soprava bem suave vindo do Leste. Eu a esperei na necrópole com apenas uma bolsa que havia dentro: o lençol grande do meu pai, duas bermudas e duas camisas. Não demorei muito a sua espera... quando ela chegou, fomos logo se embrenhando na floresta fria e assustadora."

"- Vamos para onde, Hellem? - dizia eu a ela enquanto ela me puxava pelo o braço direito."

"Andamos pela a trilha de início da floresta. Os animais noturnos nos acompanhavam naquela noite. Hellem estava com uma lanterna, mas a lua cheia se encarregava de deixar a floresta bem iluminada naquela noite."

"- Vamos para a cabana que meu pai construiu. - disse ela."

"Ela andava com muita pressa. O foco da luz da lanterna não parava quieto. Nossos suspiros estavam ficando mais ofegantes e eu sempre na cola dela."

"- Mas, Hellem - chamo sua atenção -, Já estamos no ano de 1971! - eu paro um pouco -, Isso já faz 31 anos; pela a data que li..."

"- ...quer desistir, Alfred? - Hellem estancou bruscamente seus passos, se virou para mim enquanto me cortava a conversa com a luz da lanterna bem na minha face..."

"- Isso é uma pergunta retórica, Hellem?...

"- ...Sim, pois eu não quero desistir, Alfred! - nossos sussurros ecoam na floresta -, Já estamos aqui e vamos continuar!... - sua voz está alterada e gaguejava um pouco de nervosa. Abaixei minha cabeça e falei:

"- Eu não quero desistir, Hellem. Eu apenas dei um palpite sobre o fato dela existir ou não; pois já faz 31 anos que seu pai a construiu... Eu só queria saber: 'será que ela ainda existe?'

"Ela retira o foco de luz da minha cara e eu vi aquela carinha de raiva. Ficamos em silêncio por alguns segundos... Hellem, por ser decisiva, logo continua a caminhar. Olhei para os dois lados, 'não tenho nada a perder', falei em voz baixa e sigo em frente com ela...

(...)

"...Já saímos da trilha principal. Estamos em mata fechada. O frio começa a nos envolver, o brilho da lua não é mais bem-vinda cem por cento onde estamos. Parávamos apenas para beber água no cantil e mais nada. Às vezes, Hellem parava um pouco: Se abaixava, apoiava seus braços em suas coxas em descansado, olhava para um lado, olhava para o outro, olhava para o diário e seguia em frente...

"...Eu já estava muito cansado. Sequei meu cantil e minha camisa já estava toda ensopada de suor, foi quando eu comecei a falar:

"- O que você está procurando, Hellem?

"- Uma estaca encravada na terra. - sua voz muito cansada -, Tem uma fita de pano enrolado na estaca feito da roupa da irmã dele!...

(...)

"...Minutos de caminhadas (quase horas), Hellem já está com seus passos de menina cansada. E eu? Eu estava mais cansado ainda. Não andávamos com a mesma velocidade do início, mas não desistimos.

"Foi quando eu avistei essa dita estaca para o nosso alívio.

"- ...Lá está a estaca, Hellem! Veja...!"

"Hellem, toda animada, olha a estaca uns trinta metros de nós. Ela sai correndo enquanto fala gritando:

"- Isso, Alfred! - disse ela correndo como criança feliz.

Ao chegarmos à estaca, ela falou:

"- Agora, vamos contar cem passos para o Leste. - ela estava muito nervosa e ansiosa para encontrar a cabana do seu pai.

"Juntos à estaca, damos as mãos um para o outro e, sem muita pressa, contamos juntos os cem passos para o leste...

"1..., 2..., 3...,

"...Depois de uns três minutos andando, lá está a dita cabana para acabar com a minha curiosidade... Hellem corre com tudo até a cabana e eu vou correndo atrás dela, mas não corri tanto como ela correu naquela hora...

"A cabana, todavia, estava destruída - obviamente que deveria estar...

"Hellem começou a revirar as coisas do seu pai: livros, caixas velhas, objetos de rituais... e, enquanto ela faz uma busca incessante, eu me sentei em um aglomerado de palhas com muito cansaço.

"- O que você está à procura, Hellem? - eu lhe disse.

"Ela não fala nada, apenas revira tudo na cabana desesperadamente..."

- O que a mamãe tanto procurava, papai?

- Você vai saber minha filha!...

"- ...Isso! - grita Hellem empunhando uma vela toda suja em sua mão direita e me mostra sorrindo maleficamente.

"Eu me levanto rapidamente, a olho espantado e logo digo com pausas aterrorizado:

"- A vela que seu pai fez com as gorduras da sua tia Kate!

"A sua mãe pega uma caixa de fósforo em sua bolsa. Coloca a vela em cima da mesa, risca e gasta dois palitos

de fósforos na tentativa de acende-los e na terceira tentativa ela consegue acende e queima o pavio da vela... A sua mãe estava muito ansiosa, é quando ela começou a gritar:

"- Cadê você, espírito da vela? - a voz dela estava muito alta e ofegante -, onde você se esconde? - a sua voz começou a me pôr medo...

"Por incrível que pareça o tempo começou a se formar. O vento começou a balançar as árvores e corujas começaram a sobrevoar o local. Ela se empolgou mais e saiu pela a porta às pressas. Com a vela ainda em punho, ela começou a gritar mais alto:

"- Cadê você, fantasma?!... - ela dava pausa de três segundos e torna a gritar: - Cadê você, criatura da vela?!"

"Eu tampei meus ouvidos de medo. Eu já estava me tremendo todo, mas eu não queria atrapalhar a sua glorificação...

"A sua mãe cai de joelhos segurando a vela com as duas mãos. Ela fica calada e olhava para todos os lados em silêncio - até aquilo me deu medo naquele dia; ela parecia um animal faminto a procura de algo para comer...

"Eu saí da cabana, me aproximei dela e falei:

"- Será que é essa a vela certa, Hellem? - eu não queria ter falado aquilo, mas, pelo menos, eu dei um palpite do porquê está dando errado a sua regência...

"- ...Não sei, Alfred! - Hellem olhou para trás -, não sei mesmo! - até que enfim ela concordou comigo sem exaltar-se...

"Me aproximei mais dela, pus a minha mão direita sobre seu ombro e falei:

"- Vamos entrar, Hellem. - ela olhou para mim -, vamos tentar dormir. Já estamos muito exaustos...

"Eu estendo a minha mão esquerda para ela, ela coloca a sua mão direita suavemente sobre a minha. Apagou a vela e se impulsiona para se levantar.

"Eu imaginava que ela iria recusar, mas me enganei. Eu a abracei e a levei para dentro da cabana novamente."

- ...Será que a minha mãe estava ficando louca, pai? -
Débora se eleva à frente da cadeira, pôs seus braços sobre a mesa a se apoiar.

- Quem estava quase ficando louco era eu, minha filha! -
Alfred olha nos olhos de Débora e continua: - A sua mãe estava muito nova para isso; eu acho!

- Por que, papai?

- O que eu passei e o que vi naquela noite na cabana, jamais quero rever novamente, minha filha!

Débora pergunta ao seu pai com sua voz trêmula:

- O que o senhor viu, pai?

"(...)

"... São duas horas da madrugada. Acendemos a lamparina da mãe dela e nos cobrimos com um grande cobertor preto do meu pai. Hellem dormia bem agarradinha comigo... Eu não a largava por nada. Não havia porta nas arestas presa pelo os gonzos. A única janela que tinha era a que ficava à frente da mesa de

preparos; suas vidraças quase todas quebradas permitiam a corrente de ar frio entrar... O teto era uma cobertura de telhas e palhas. Havia insetos: baratas

sobrevoavam sobre nós, lacraias caminham nos

cantos das paredes e o cricrilo dos grilos me entediavam; as corujas me davam calafrios com seus pios e uivos de lobos me deixavam mais aterrorizado...

Confesso que aquela noite foi a pior noite da minha vida... Eu não conseguia dormir tampouco queria acordar a Hellem. Estávamos deitados com os pés virados para a porta e a cabeça para a janela. Meu medo era sempre constante; para mim, alguma coisa iria aparecer na entrada da porta para nos pegar... Eu encarava com meus olhos pasmos a mata lá fora; eu ainda conseguia ver a mata graças o pouco do clarão da lua cheia. Nunca tinha



presenciado um silêncio assim tão bizarro que deixavam minhas espinhas trêmulas... Era um silêncio tão cabuloso que eu conseguia ouvir as batidas dos nossos corações...

"Foi no horário de duas é vinte uma da madrugada que eu comecei a ouvir passos ao lado de fora da cabana. Os passos vinham se aproximando e chegavam até a esquina da porta e paravam. Eu nos cobri dos pés à cabeça e deixei apenas meus olhos descoberto pelo um pequeno rasgado no lençol.

"Depois de um minuto, após os passos, eu comecei a ouvir crianças conversando bem no canto da porta... Cochichavam, sorriam, faziam barulhos; não dava para entender o que conversavam, mas as vozes eram enlouquecedoras...

"E eu comecei a suar frio, me tremia bastante de nervoso... Meus dentes estavam rangendo demais. Eu comecei a curvar meus joelhos bem devagar, abracei mais a sua mãe e vi uma coisa muito assustadora lá fora..."

- ...O que o senhor viu, pai? - Débora se levanta da cadeira onde estava sentada e puxa outra para ficar mais próximo ao seu pai...

"...Em gargalhadas macabras, uma criatura saiu do lado da cabana... Pulei de sustos, mas ainda permaneci deitado. Eu a vi de relance ao correr para dentro da floresta sombria... Era uma menina de vestido longo e seus cabelos compridos... Observei que ela corria como se fosse um animal quadrúpede... Se embrenhou na floresta e sumiu... A minha única reação, depois que a vi naquela hora, foi fechar bem meus olhos é ficar caladinho... Não me mexia por nada; as carapanãs me sugavam todo, as baratas andavam em cima de nós, mas eu não as espantavam... Eu achava que aquela noite nunca mais iria se acabar, mas eu também nunca imaginaria que o dia iria ser mais bizarro que à noite passada..."

- Nossa! - Débora fica estatelada -, O que aconteceu pela manhã, pai?...

"...O meu relógio de bolso marca 7hr da manhã. O dia está muito nublado. A névoa fria cobria a floresta e o vento soprava timidamente o lugar...

"Me acordei com uns barulhos ao lado da cabana... Eram barulhos de algo quebrando alguma coisa. Abri meus olhos e não vi a sua mãe ao meu lado. Me pus a sentar rapidamente e fiquei logo desesperado já pensando no pior. Me levantei e fui até o lado da cabana lentamente... Foi quando vi a sua mãe: Ela estava toda banhada em sangue e com um corpo de um menino esquartejado em sua frente..."

...Débora, em desespero, se levanta, corre até a pia e se desaba em vômitos...

- Estás bem minha filha? - diz Alfred ao se levantar indo em direção a ela...

- Sim papai! Foi apenas um embrulho no estômago, mas estou bem, com certeza, pai! - Débora confirma o seu bem estar para seu pai ao lavar seu rosto...

- Se quiseres, eu continuo amanhã...

- ...não, pai! Pode continuar contando. Não tem problemas! Eu quero saber de tudo!

- Tudo bem, então, filha...

"...O menino era filho da Dona Eva, a vizinha que mora quase ao lado da casa dela. Ele tinha 6 anos de idade. Era uma criança frágil, doce e tranquila. Até hoje eu não sei como a sua mãe conseguiu tanta energia para ir lá na cidade e trazê-lo até a cabana..."

"Quando vi sua mãe banhada em sangue do menino, eu a retruquei em desespero:

"- O que você está fazendo, Hellem? - eu estava sem reação de detê-la. Ela me olhou com um olhar de psicodélica, sorriu, ergueu o machado dando-o para mim e falou:

"- Me ajuda, Alfred? Vamos tirar os ossos dele!"

"Fiquei pasmo naquela hora. Vomitei e cai de joelhos diante aquela situação bizarra... A sua mãe apenas observou a minha reação de agonia naquela hora, virou-se para a frente novamente e continuou a desmembrar o menino naturalmente..."

"O sangue dele estava por toda a lateral da cabana. Ela empunhava o machado e batia nele com toda ira... Meu nervosismo era grande, mas deu coragem de pergunta-la:

"- Por que queres os ossos dele, Hellem? - a minha voz era trêmula. Ela pára de bater o machado, se vira para mim mais uma vez e me responde:

"- Na fórmula que meu pai escreveu, tenho que ter raspas de ossos de crianças! - abaixei a minha cabeça, tampei meus ouvidos e comecei a chorar...

"Aqueles golpes de machado ecoavam em meus ouvidos. Os dentes dela rangem a cada golpe desferido naquele pequeno corpo deformado pela a brutalidade insana dela. Eu não estava mais aguentando aquele som insuportável em minha cabeça... Devo ter desmaiado, pois não me lembrei mais de nada daquele momento.

"(...)

"...Já são mais de 2hr da tarde. Eu acordei em nossa 'cama' (um aglomerado de palhas com panos por cima). Foi quando me sentei novamente e observei a sua mãe lá fora em frente uma grande fogueira. Ela estava sentada enquanto lia o diário de seu pai com muita atenção... Eu ainda não sabia e nem queria saber o que ela tanto queimava naquelas labaredas flamejantes. Fiquei em silêncio... Não a questionei mais sobre o ocorrido. Me pus a deitar novamente e acabei em transe...

"Deitado fiquei, mas consigo vê-la retirando o corpo do menino da enorme fogueira (pronto, descobri o que ela tanto queimava). Com uma grande espátula, ela retira grande porção de gorduras do cadáver. Minha vista foi se embaçando e o entardecer foi ofuscando a minha vista. Entrei em um sono induzido pelo o cansaço e me acordei com o tic-tac ensurdecedor do meu relógio que estava marcando 7hr da noite. 'Caramba, dormi tanto assim!', sussurrei em pensamentos.

"(...)

"A sua mãe colocou os restos mortais da criança em um lençol, enrolou e foi para trás da cabana. 'Alfred!', ouço ela me chamar. A sua voz estava tão tranquila, nem parecia que ela tinha feito aquela barbaridade. Levanto, acendo a lamparina e me dirijo até uma área com poucas árvores grandes (esse local fica a uns trinta metros por trás da cabana). A sua mãe estava segurando uma pá em sua mão direita enquanto ela ficava olhando para o nada: 'Oi, Hellem?!', disse eu e continuo: 'O que estás fazendo?!', 'Me ajude a enterra-lo', disse ela com uma carinha de muito cansaço e continua: 'Vamos deixa-lo aqui, Alfred! Depois de três dias eu venho terminar'.

"Era impossível negar coisas para a sua mãe. Havia algo nela que me prendia a ela. Nunca disse - não - a ela e não seria dessa vez que eu iria dizer...

"Comecei a cavar e criar uma cova para o cadáver da criança. A terra estava fofa e úmida; havia capins e algumas pequenas árvores não tão abundantes. Enquanto eu cavava, Hellem estava em pé segurando a lamparina para manter a claridade dentro da cova.

"Eu já estava cansado, mas consegui fazer uma sepultura com um metro e meio de profundidade; dava para esconder bem o cadáver.

"Jogamos juntos o corpo - se podemos chamar aquilo de corpo - dentro da cova e em seguida, eu comecei a enterrar os restos mortais no buraco...

"Eu puxava o barro que estava na lateral da sepultura enquanto Hellem me abraçava apenas com a sua mão direita: 'Vá em paz!', disse ela sarcasticamente.

"(...)

"Chegamos na cabana. Hellem se senta sobre o baú e come a última banana que tínhamos - eu não conseguia comer nada -. As horas estão se passando lentamente (era o meu tormento).

"Estou sentando em uma pedra diante a pequena fogueira que ainda está clareando suavemente o nosso 'cantinho'. Eu olho para o lado direito e vi que Hellem pegou no sono. Desvio o meu olhar para a esquerda e vi de relance algo correndo entre as árvores e sumindo em piscar de olhos. Não contei conversa; corro para dentro da cabana e me embrenho de baixo do lençol onde Hellem está.

"A noite permanecia fria. Em quanto mais peço para as horas se passarem, mais elas demoram. Infelizmente, passamos mais uma noite alucinante naquela dita cabana sombria... A Hellem, por incrível que pareça, consegue dormir tranquilamente. E eu? Eu não consegui grudar por nem um estante as pálpebras que já estavam ardendo de sono. Eu fico olhando para o teto com algumas falhas na cobertura e consigo ver as estrelas. Penso comigo mesmo: 'Nunca mais eu hei de vir aqui nessa floresta sombria.'

"Antigamente, as pessoas das fazendas próximos - não tão quanto - diziam que havia uma mulher chamada Crespina Margarete; não sei muito sobre ela, mas, diziam por aí, que ela morava em uma cabana quase nos confins da ribanceira. Ela seduzia crianças e jovens para uma noite de luxúria. Depois de seduzi-las, ela usufruía dos prazeres carnal das vítimas e as devoravam, ainda vivas... Isso ficou em meus pensamentos a noite toda...

"- ...Alfred?! - Hellem me acorda!

"E eu pensava que não iria dormir na noite passada!

"Em um piscar de olhos é dia...

"Eu a vejo sentada sobre o baú ao meu lado enquanto fica olhando para a vela que ela sugeria ter o espírito. Seus lindos olhos brilham com o amanhecer; seu lindo rosto com sardas e a sua boca, levemente um sorriso surge quando percebe o meu olhar.



"- Vamos para casa, Alfred? - Hellem resolve voltar para a casa; assim, do nada! Eu achei uma ótima ideia, claro, mas, também, achei ela muito estranha: 'Será que ela está se sentindo muito culpada por dentro por ter feito aquilo com

aquela criança?' me veio à cabeça.

"Simplesmente me pus a sentar ao lado dela, a abracei e disse-lhe:

"- Vamos, Hellem!"

"Enfim, eu e Hellem estamos indo para a casa... Vamos caminhando com passos lentos. Eu olho para trás e vejo a cabana se afastando de nós enquanto árvores eclipsam minha vista do local. Nunca me senti tão bem quando estávamos nos aproximando da trilha principal de acesso à minha casa.

"(...)"

"Quando finalmente nos aproximamos do pasto cobertos de capins e árvores perto de casa, ela me estagnou com um puxão e disse-me:

"- Não conte nada a ninguém, Alfred! - Ela fecha seus olhos e fez um bico com seus lindos lábios me induzindo a beijá-la; e eu a beijei...

"Depois do nosso longo beijo eu a acalmei dizendo:

"- Jamais contarei a ninguém o que fizemos na cabana, Hellem!"

"A Hellem levou uma surra da sua avó. E eu? Eu também apanhei muito do meu pai... Eu fui obrigado a trabalhar forçado para meu pai e para o meu tio Jhon - que ainda

não tinha se suicidado nessa época - e depois do trabalho diário, eu tinha que ir ao colégio e, quando chegasse em casa, eu tinha que ficar o resto da noite a dentro de castigo...

"Eu e sua mãe passamos mais de um mês sem se ver. Eu não podia sair de casa, mesmo assim, eu não fazia questão, pois eu estava com muito medo da sua mãe e, ao mesmo tempo, eu era louco por ela; sempre fui..."

"Guardei aquele seu segredo comigo até agora..."

...no meio da conversa, eles ouvem o telefone de mesa tocando na sala.

- Espera aqui minha filha, vou atender, pode ser do trabalho, já que era para mim estar lá agora!

Alfred se levanta dando tapinhas na mão direita de Débora com um sorriso meio desconfiado e vai em direção a sala de estar.

Ele segue caminho no longo corredor enquanto o estridente som da campainha do telefone encardido vai ecoando por todo o casarão... Débora se levanta da cadeira e segue seu pai no longo caminho pelo o corredor... Ela o olha, e se esconde nas mobílias, ela corre de pontinhas de pés e se esconde em outras mobílias...

- Alô? - disse ele ao atender o telefone.

- Oi, Alfred?

- Sim, quem és?

- Sou eu, a Amanda...

...A Amanda é a investigadora encarregada do caso Margarete. Ela está na cidade de Ouro Azul há 1 anos. Ela foi a escolhida para o caso a mando da polícia federal do Estado.

- Oi, Amanda! Desculpa-me, mas o que aconteceu?

- ...Alfred, fizemos a enorme descoberta da cidade. Venha aqui. Precisamos de você agora no IML.

- O que é, Amanda!

- Não por telefone, Alfred. Venha! Te espero em sua sala.

Alfred, ainda com o fone em sua mão direita, fica muito pensativo e com frio nas espinhas. Ele descansa, enfim, o fone no gancho e sobe as escadas às pressas.

Débora, estava escondida no canto do corredor e conseguiu ouvir o que seu pai dizia, mas não o que a Amanda dizia a ele. *O que será que aconteceu!* Dizia a sua voz mental...

Curiosa como sempre, Débora vai subindo as escadas e fica à frente do quarto de Alfred.

- Pai! - Débora bate na porta do quarto de dele.

- À noite continuarei a contar o conto, minha filha! - diz ele com sua voz abafada pela a porta do quarto.

- O que aconteceu, papai?

- Nada, minha filha! - Alfred abre a porta do quarto -, Apenas trabalho! - concluiu passando a mão na cabeça de Débora.

Débora permanece em frente do quarto de Alfred enquanto ele vai descendo as escadas na correria, pega a chave no chaveiro e sai pela a porta da frente... *"Tchau, papai!"*, irônica, dizia Débora para o nada.

Alfred chega ao seu trabalho por volta das 1hr da tarde. A viagem foi rápida, não é tão longe quando se vai de carro...

Alfred passa por meio de todos às pressas e vai direto para a sua sala.

- Boa tarde, Amanda? - ele a encontra sentada em sua poltrona com uma enorme montanha de documentos em sua frente.

- Boa tarde, Alfred! - ela sobrepõe seu olhar no óculos -,
Senta-te Alfred! Vamos ter o dia inteiro de trabalho,
hoje.

Alfred vai se sentando lentamente encarando Amanda
com um olhar assustador. Sentado, ele olha para todos os
lados da sala enquanto ela se cala um pouco...

A sala é úmida e empoeirada, o ventilador de teto
girando lentamente enquanto as janelas entreabertas
recebem a corrente de ar fria. As gotas caem da torneira
quebrada do bebedouro e bombardeiam um copo plástico e
o som ecoam por toda a sala naquele silêncio monótono da
sala.

- O que temos, Amanda? - diz ele quebrando a monotonia
da sala.

- Veja você mesmo! - Amanda joga um relatório na ponta
da mesa para que Alfred o pegue.

- Hã!? - Alfred se espanta -, Não acredito! - ele abaixa o
documento em suas pernas e olha para Amanda -,
Conseguiram concretizar a verdadeira "lenda" da
psicopata: Crespina Margarete?

- Pois, é, Alfred! - Amanda sorri -, conseguimos
concluir o caso dos jovens desaparecidos do ano de 1930
a 1936.

- Como descobriram, Amanda? - Alfred, agora com
semblante aliviado, a interrogou.

- Foram três casais, um deles está lá na sala de reunião
pericial muito nervoso. Os outros estavam muito abalados
e foram para a delegacia e outros para o hospital.

- Eu quero falar com ele, Amanda! - Alfred se levanta e
vai em direção a porta...

- ...Alfred? - o chama Amanda -, O que houve?

Alfred pára, se vira rapidamente e a responde
tranquilamente:

- Apenas curiosidade, Amanda. - Alfred torna para
frente e sai de sua sala e segue para a sala de
reuniões...

Alfred vai caminhando naquele corredor frio, na qual pessoas estão completamente abaladas, estagnadas, abatidas e na espera do cadáver de seus ante querido a ser liberado para o deprimente funeral:

- Oi?! - Alfred entra na sala -, você é uma das pessoas que encontraram os crânios das vítimas da floresta das sombras, ontem? - Alfred se senta bem de frente ao rapaz que segura uma xícara de chá e uma coberta sobre seu corpo:

- Sim, senhor!

- Meu nome é Alfred. - eles se cumprimentam -, sou o médico-legista chefe dessa funerária.

- Prazer, senhor! Meu nome é Andreas.

- Então, me conta tudo, Andreas...

- ...eu já falei com a Amanda, senhor...

- ...eu falei: "ME conta tudo", e não contar para ela novamente.

O rapaz dá uma golada na sua xícara de chá, se agasalha na coberta e narra o conto:

Capítulo 4 - A Margarete.

...Ouro Azul. Dois dias antes...

"...Estávamos caminhando sobre uma trilha na floresta das sombras..."

- ...você sabe que hoje em dia as pessoas fazem trilhas, acampamentos para observarem as estrelas; os casais se encontram, outras pessoas vão de curiosidade para conhecer o palco principal dos assassinatos que marcaram aquela época, néh?

- Sim, sei disso. Continua...

"...Ouvimos os contos e relatos de pessoas da cidade grande sobre esse local e resolvemos nos aventurar lá... Muitos saem empolgados, outros saem carregados de energia negativa (diziam eles).

"Então, eu e minha namorada, com mais quatro amigos nosso, nos preparamos a cerca de um mês. Foi quando partimos para cá para a cidade de Ouro Azul..."

- Aliás! Por quê esse nome na cidade?

- Queres que eu te conte um conto dentro do seu conto? Não, não, não... vamos ficar com o seu conto mesmos... Tu irás saber um dia. Não se preocupe...

O rapaz dá mais uma golada em seu chá e continua...

"...Quando chegamos em um local bem próximo a ribanceira, achamos perfeito para a nossa primeira noite.

"A área está coberta de matos baixos, capins e poucas árvores grandes: 'Vamos ficar aqui mesmo', dizia a minha namorada, 'Eu amei o local', dizia uma amiga nossa; acabamos ficando no local pela a escolha unânime.

"A noite estava chegando, como de naturalidade, armamos as barracas, fizemos a nossa fogueira e ficamos assando carnes no espetinho.

"A lua estava tão linda naquela noite. Não havia nuvens no céu, mas o vento sempre soprava para esfriar nossos corpos.

(...)

"O relógio marcava meia-noite. Mônica e Tony, foram um dos primeiros a caírem no sono. Depois de mais umas rodadas de cerveja, foi o Michael e Clara. Obviamente,

eu e minha namorada ficamos a sós diante a linda fogueira e o céu estrelado..."

- ...por favor, rapaz, poupe-me do romantismo. Isso me dá um enjoo. - Alfred corta o clima do rapaz. Mal o rapaz sabia o que Alfred passou por romance.

- Desculpa-me, senhor! - diz ele e logo continuou...

"...Depois de horas, eu e minha namorada fomos dormir. Infelizmente não consegui dormir nessa noite. Eu comecei a sentir mais frio, as corujas não paravam de piar. Foi depois de algumas horas; por volta das 2hr da madrugada, eu presenciei pela a porta da barraca que estava fechada, mas estava iluminada pela a fogueira, um semblante de uma pessoa correndo em direção a ribanceira. Eu me levantei naturalmente sem que a minha namorada acordasse, abri a porta da barraca e fui para frente da fogueira. Olhei para os lados e achei estranho aquilo, pois meus amigos ainda estavam com as portas das barracas fechadas. Fui andando lentamente para o sentido que o vulto seguiu e, logo a frente, avistei uma menina que estava se escondendo por trás de uma árvore; ela deveria ter uns 20 anos de idade: 'Oi, moça?', disse eu a ela. Ela sorriu e saiu correndo... Seu vestido não era e nunca será dessa época. Seus cabelos pairavam no ar e seu sorriso ecoavam na mata fechada... Claro que eu não me embrenhei na mata sozinho, nem que me pagassem..."

"Voltei ao nosso cantinho e bati na porta da barraca de cada um: 'Pessoal, acordem!', dizia eu gritando.

"Meus amigos se acordaram desesperados e me xingando muito..."

"- pessoal, eu vi um espírito de uma menina. Ela saiu correndo para a ribanceira.

"Claro, meus amigos acreditaram em mim, pois estávamos lá pela a história do local e queríamos encontrar alguma coisa..."

"Nos preparamos rapidamente. Pegamos a nossa filmadora e fomos em direção a ribanceira..."

"A caminhada foi de quase 10 minutos de mata a dentro. Nossa filmadora estava sempre ligada; os focos das lanternas pareciam uma discoteca em plena a mata

fechada. 'Vejam!', disse Michael, 'Vamos ver o que é', disse eu...

"Encontramos uns aglomerados de pedras. Em cada montinho, havia três pedras. Claro, que ficamos intrigados com esses montes de pedras pelo o padrão que se formavam. Naquela hora foi de arrepiar. A cada dez passos havia o aglomerado de três pedras.

"Tony começou a rabiscar no mapa as posições que o monte se encontravam e descobrimos que eles formavam um enorme pentagrama - coisas de bruxaria, magia negra satanismo -, essas coisas assim...

"...Foi aí que veio a loucura com a nossa curiosidade...

"Encontramos o meio do pentagrama e bem ao meio, havia um piso de madeira; não era visível de ser presenciado tão fácil, pois aquela madeira velha já tinha mais de 91 anos e já havia raízes e folhas que a envolvia completamente.

"Nos aproximamos do suspeito piso de madeira que media 2x2 e começamos a vasculhar por todo ele. 'Aqui!', gritou Michael. Focamos todas as lanternas juntos e direcionamos a filmadora para os focos... Descobrimos, então, que não era simples um piso de madeira, e sim, era a tampa de um enorme poço.

"Passamos quase três minutos para descobrir como abrir aquela enorme tampa. Mas logo descobrimos que havia 4 trancas, dois em cada lado. Não eram trancas 'mágicas', mas eram muito complexas..."

- ...Não sei explicar direito como eram as trancas, mas veja nas fotos da polícia que você saberá.

"Mônica, que é estudante de química, logo sugeriu que poderíamos abrir as travas com ácido. Aonde poderíamos conseguir ácido naquela imensa floresta? Bem, a Mônica tinha em sua bagagem. Mônica e Tony voltaram para o local onde estavam as nossas barracas e,..."

- ...Aquilo foi muito assustador - disse Andreas e continua o conto...

"...Mônica e Tony retornaram para onde estávamos e falaram aterrorizados:

"- Pessoal - Mônica estava ofegante e pálida -, nossas barracas sumiram!"

"- Caramba! - falamos todos juntos. Estávamos ficando mais assustados com coisas acontecendo de imediato."

"Michael, no desespero, pega o frasco que contém ácido da Mônica e vai derramando sobre as trancas o mais rápido que pode: 'Calma, Michael', disse ela e continua, 'Isso é perigoso'. Ela não estava falando da substância do ácido, e sim, do que poderia ter dentro do poço. Mas ele não a deu ouvidos. Deu duas voltas despejando ácido sobre as trancas e logo começamos a bater com martelos de escalar sobre as trancas banhadas de ácido."

"As trancas se rompem. Uma pressão com ar fétido e empoeirado sai pela a abertura da enorme tampa que ia se desfazendo em nossas mãos conforme íamos levantando-a... Mônica, Clara e Tony vomitaram com o mau odor que dominava aquele momento... Minha namorada não aguentou e largou a tampa e desaba em vômitos também. Apenas eu e Michael conseguimos retirar a tampa enraizado e rapidamente focamos a nossa lanterna e presenciamos a cena mais abominável e bizarro das nossas vidas... Não sabíamos quantos corpo lá continham, mas, os aglomerados de ossos que estava lá embaixo, podíamos deduzir que foram mais de dez pessoas assassinadas..."

- Não quero ser perito aqui, senhor, mas foi pela a quantidade de crânios que vimos lá que deduzimos...

- ...foram 66 pessoas, meu jovem! - Alfred se levanta -, obrigado, Andreas!"

Sessenta e seis pessoas assassinadas, Andreas, assustado, sussurrou com a xícara de chá em suas mãos."

Alfred sai da sala com um sorriso sarcástico no canto da boca e vai caminhando novamente pelo o corredor frio... Aquele corredor com suas janelas entreabertas e seus papeis de parede envelhecidos pelo o tempo. A atmosfera é sombria; é monótono; As pessoas de sentimentos nublado à felicidade, que ainda lá estavam, sentadas em bancos encardidos e quebrados, olham Alfred caminhar com passos lentos. Agasalhado em seu casaco sobretudo preto, ele ajeita seus longos cabelos para trás e entra na sala de necropsia..."

Na mansão dos Espirfan...

Débora parece um fantasma naquela imensa casa. Ela fica andando livremente por todos os cômodos enquanto soa uma canção levemente pelas suas narinas sardentas. Ela caminha sobre o enorme corredor principal da casa e fica olhando os quadros antigos fixados na parede por uma pequena corrente e um candelabro projetando luz para cada um dos quadros... *Hã?!*, disse ela curiosa ao ver seu quadro quando criança.



Ela desce até a cozinha e pega uma cadeira e retorna para o corredor. Pôs a cadeira bem em frente ao quadro e sobe às pressas. *"De quem será esse nome?"*, disse ela passando seu dedo indicador em uma parte do quadro, *"Estranho!"*, completou ela.

Débora retira o quadro do lugar e o leva para o sótão. Ela pega uma lanterna em seu armário e foca na parte que a intriga e fala: *"Margarete?! Quem será ela?"*

Na cidade...

São exatamente 7hr da noite. Alfred e Amanda estão saindo do trabalho. A noite está muito fria, mas a chuva não promete cair. Há poucas pessoas nas ruas. O vento tem seu ar fresco e aconchegante. Alfred e Amanda se aproximam do estacionamento externo.

- Aceita uma bebida, Amanda? - Alfred fica encostado em seu carro com a porta entreaberta.

- Eu não bebo, Alfred? - Amanda abre a porta do seu carro.

- Mas você toma café à noite, né, Amanda? - Alfred sorri e entra em seu carro.

- Sim, com certeza! - Amanda entra em seu carro -, e sem açúcar.

- Então eu pago! - Alfred dá a partida em seu carro e sorri para ela.

Amanda sorriu e entrou em seu carro.

Alfred foi o primeiro a sair do estacionamento enquanto Amanda sai em seguida e o segue para o bar próximo...

(...)

O único bar da cidade é de um amigo de Alfred - O bar do Arnaldo. É um bar aconchegante, música ambiente e não há tantas pessoas. É climatizado e sempre Arnaldo convida bandas para fazerem um *show* nos finais de



semana. Apesar de hoje ser sábado, os habitantes seletos não são muito de ficar em bares .

Alfred e Amanda se acomodam em bancos esponjados com encosto em frente o balcão enquanto Arnaldo os

servem: "O mesmo de sempre, Alfred?", diz ele, "Sim, e traga uma xícara de café para a minha amiga de trabalho", fala Alfred, "Café?", Arnoldo diz brincando e continua: "Em pleno o sábado...", "...e sem açúcar, por favor!", diz Amanda se intrometendo na conversa.

A banda convidada de Arnoldo começa a tocar um leve *blues jazz* para abalar o início do sábado à noite. A reprise de um jogo de futebol passa em uma TV próximo a adega e em outra TV passa o jornal da noite. Amanda empunha a xícara de café em sua mão direita e olha para Alfred.

- Então, é aqui que você se esconde nas horas vagas, Alfred? - perguntou ela.

- Na verdade, eu venho aqui quando estou muito entediado? - Alfred dá um gole em sua cerveja antes de responder.

- Hum! - Amanda eleva sua xícara a boca e toma um gole de café!

- E você, Amanda? O que faz em suas horas vagas? - Alfred pega uma porção de amendoins em um pratinho sobre o balcão.

- Trabalho. - Ela sorri para Alfred enquanto ele toma mais uma dose da sua cerveja.

- Mas todos temos um *hobby*...

- ...e esse é seu *hobby*, Alfred? - Amanda toma mais um pouco do café.

- Ah, ah, ah! - Alfred sorri -, Não, Amanda!

- Então? - Amanda se distrai com pessoas entrando o bar - , O que fazes de bom?

- É muito sinistro, mas é bom sempre partilhar algo com amigos.

- Hum! - ela volta seu olhar para ele -, então, me fale.

- Bem, para me distrair em minhas horas vagas, eu empalho animais que caço!

- Nossa! Muito sinistro mesmo. - Amanda sorri.

- ...Casada?

- Não!
- Tem filhos?
- Também não! - mais uma dose de café da xícara -, E você?
- Solteiro e tenho uma filha. O nome dela é Débora.
- Hum, lindo nome...
- ...obrigado! Foi a mãe dela que deu o nome! - Alfred eleva a garrafa em sua boca, mas não toma a cerveja ainda e diz: - Você vai embora da cidade, néh, Amanda? - agora ele dá uma golada na cerveja.
- Em breve! Só vou esperar os laudos e o relatório da polícia e, quem sabe, partirei.
- Ah, sim!

As horas vão se passando e o som vai ficando cada vez mais animado. As luzes coloridas por todo o ambiente tornam o clima mais alegre. Fumaças de cigarros no ar, gargalhadas de pessoas em suas mesas e outras se esbarrando ao dançarem no salão...

- ...Me conta mais sobre a Crespina Margarete. - gritando, por devido o som alto, perguntou Alfred a Amanda.
- Não sei quase nada sobre ela. Nos baseamos mais nas histórias e relatos que estavam se encaixando.
- O que te levou a investigar o caso, Amanda? - Alfred abre outra garrafa de cerveja.
- Não gosto de deixar nenhum crime sem solução. Então, fiz algumas investigações sem o protocolo da polícia e depois eu abri uma investigação sobre o caso, já que tudo estava se encaixando.

Alfred dá um gole em sua cerveja e em seguida a fala:

- Eu ouvi dizer que ela teve um filho. - Alfred pega amendoins no pratinho -, mas ela o deu para uma amiga.
- Eu fiquei sabendo disso também, Alfred. Ela tinha 39 anos na época...
- ...Arnoldo, traga mais uma xícara de café para a minha amiga! - sinalizando com a mão direita, diz Alfred...

- ...e depois que ela o deu, ela enlouqueceu de vez. - completou ela.

- Verdade. - Alfred eleva a garrafa e dá uma golada profunda na cerveja.

- Obrigado, Arnolddo! - Amanda pega a xícara de café das mãos de Arnolddo.

Alfred descansa a garrafa no balcão, pega amendoins e fala:

- Você viu o padrão que ela estava executando em suas vítimas?

- Sim! - Amanda toma um pouco do café... -, ela sempre perfurava o crânio na parte occipital, quando não, era na frontal.

- Exatamente! - Alfred a olha no fundo dos olhos -, o que você acha que ela estaria "estudando"?

- O cérebro?! - disse ela.

- ...ou a mente humana!? - disse ele.

Surge ambos silencio enquanto o *Rock Music* tocava no fundo do bar. As pessoas estavam se divertindo, bebendo, dançando e o clima foi esquentando no ambiente com o calor humano se formando no ar. Amanda puxa a sua bolsa e a põe em cima do balcão. Ela retira uma agenda, uma caneta e escreve: "*Talvez, ela estaria estudando a mente humana*". Alfred a olha escrevendo com sua grafia de donzela de primeiro ano. A caneta desliza sobre o papel em branco com uma suavidade enquanto ele sorrir. Ele bebe mais uma dose da sua cerveja olhando para os dois lados. Amanda, com seus cabelos lisos e coloridos, devido a iluminação do bar, cobre um lado da sua face morena de pele macia. Ela faz um gesto com a sua língua ao escrever e balança a sua cabeça levemente para os dois lados. Alfred come alguns amendoins...

- Um lembrete? - gritou ele no ambiente dominado pelo o som alto.

- Não! - ela tem que gritar também -, é mais uma coisa para estudar sobre ela.

Alfred sorrir e a ver guardar a sua agenda e tomando seu café.

- Bem, Alfred - ela se levanta -, tenho que ir para casa. Vou terminar o meu relatório ainda hoje e, pela manhã, tenho que enviar uns *e-mails* para o meu chefe.

- Tudo bem, Amanda. - Alfred se levanta -, fique à vontade - eles se despedem.

- Foi bom o último dia de trabalho com você hoje, Alfred - ela grita com uma mão tampando o lado direito do ouvido.

- Espero trabalhar mais com você, Amanda. - ele se inclina para a frente e falou em seus ouvidos.

Amanda faz um gesto com a sua cabeça confirmando que sim; sorrir acenando com a mão um tchauzinho enquanto se dirige para a saída do bar.

Alfred a ver saindo e retorna para o banco: "Arnoldo, mais uma cerveja, por favor!", diz ele enquanto pega seu diário em sua bolsa...

Aquele clima agradável do sótão. Aquele cheiro de madeira úmida mofado. As janelas abertas para climatizar o ambiente e o clarão das velas que Débora acendeu para dar mais atmosfera no lugar. Ela está



sentada sobre a viga da janela e mantém o quadro em cima de uma mesa. A linda lua minguante sorri para ela enquanto ela a admira. Seus lindos olhos claros escurecem com o claro da noite. Seus cabelos soltos ao léu e sua voz suave cantando uma canção...

(...)

São onze horas da noite. Alfred está perto de casa. Ele dirige seu carro com uma garrafa de cerveja em sua mão esquerda, mas Alfred não está tão bêbado... Débora observa seu pai se aproximando da mansão vindo do pequeno ramal que liga a estrada principal a mansão. Os faróis do carro, com intensidade alta, clareia Débora na janela; ela acena em direção ao carro com um tímido tchauzinho enquanto seu pai estaciona o seu carro próximo ao jardim.

Alfred saiu do carro e a chama:

- Vem cá, minha filha e traga uma vela com você! - grita ele lá de baixo.

Ele vai em direção a varanda. Lá, ele se senta em um banco de balanço espaçoso de madeira de cor branca; madeiras envelhecidas, quase toda a tinta raspada e lodos a envolvendo levemente. Ele vira a garrafa de cerveja em sua boca e dá o último gole na cerveja e lança a garrafa para o meio do matagal:

- Oi, papai?! - Débora aparece na porta.

- Venha cá, filha! Senta-se aqui! - Alfred bate sobre o banco com a mão direita.

Enquanto Débora vem se aproximando do banco, Alfred fica olhando para o lado direito e observa a floresta clareada pela lua e as estrelas.

- Aonde foste, pai? -
Débora se senta e fica olhando para a vela em suas mãos.

- Hoje o trabalho foi muito puxado, minha filha. - ele olha para a vela também -, e depois do trabalho eu fui para o bar do Arnoldo.

- Hum! - Débora e Alfred se encaram enquanto ela pergunta:

- Quem é Margarete, pai? - ela brinca com a vela com o olhar em seu pai.



- Margarete? - Alfred fica com semblante de desconfiado -, por que a pergunta, filha?

- É que o senhor falou sobre ela no conto e hoje eu vi o nome dela no quadro que estou deitada; você mesmo me falou que sou eu no quadro, e, bem no canto do quadro, está escrito: *Margarete*.

- Aquele quadro no corredor?!...

- ...sim, pai!

- Essa foi uma pintora, de fato; uma amiga da sua mãe. Não é a Margarete que você está pensando, filha!

- Ah, tá! - Débora encosta a sua cabeça no ombro de Alfred e recebe carinhos em sua cabeça enquanto brinca com a vela em suas mãos.

- Pai?

- Oi, minha filha.

- O senhor vai continuar a história?

- Amanhã, minha! Estou muito cansado hoje.

- Mas... - ela se desencosta do aconchego do ombro do seu pai.

- "*Mas*", nada minha filha. Vamos entrar!

Alfred se levanta do banco de balanço e ver Débora ainda sentadinha a se balançar com a sua carinha de menina emburrada.

- Vem, minha filha! - sendo puxanda carinhosamente pelas mãos, ela se levanta e se abraça com ele com aquele jeitinho de menina mimada.

Lá se vão os dois abraçados andando lentamente sobre o piso velho de madeira da varanda até a porta principal. Aquele clima frio, o vento faz balançar o sino dos ventos pendurado bem no meio da varanda. Revestido com conchas e pedaços de cilindros alongados, o sino faz aquele som suave para os ouvidos.

- Pai?

- Oi, filha!

- Hoje eu vou dormir no sótão!

- Tudo bem, minha filha...

Aquela conversa ia chegando ao fim com a batida da porta a se fechar e o desligar das luzes de todo o casarão...

Noite calma por todos os cômodos da mansão e por toda a floresta em volta. A leitura de Débora inicia-se em plena a luz de uma vela. O sino do enorme relógio de pêndulo da sala bate doze vezes prenunciando a chegada da madrugada... *"Como está frio aqui"*, disse ela olhando para as janelas fechadas.

Débora se levanta e alonga as cortinas brancas das janelas... *"Hã?"*, Débora se esconde por trás da última cortina e olha bem devagar lá no pasto de poucas árvores em volta, próximo a trilha de entrada à floresta, há uma pessoa caminhando com uma velha lamparina de querosene em sua mão direita e um cajado velho na outra. A dita pessoa anda como um velho cansado, usa uma longa vestes avermelhada. Não dava para se ver sua face e nem seus cabelos. *"Quem será?"*, diz Débora fechando a cortina da última janela...

A corajosa e destemida Débora veste o seu casaco, uma calça de algodão grossa e o longo cachecol amarelo. Ela anda pela a casa sem fazer barulho e sai pela a porta dos fundos...

Agachada, andando pelos os enormes capins e árvores pequenas, Débora estava se aproximando do desconhecido cada vez mais... Débora retarda seus passos ao ver o desconhecido parar e começar a cavar um buraco bem

longe da entrada, próximo a enorme árvore de mogno. Débora vai caminhando na sutileza e consegue chegar bem perto do desconhecido.

- Olá? - ela se levanta entre os capins e vai em direção ao desconhecido. - Quem é você? - continuou ela.

O desconhecido não se intimidou e nem se assustou com a espontânea chegada de Débora.

- Por que queres saber, menina? - o desconhecido se vira lentamente e foca a lamparina em direção de Débora.

- Tu estás em nosso terreno, senhor! - Débora abafa a claridade do foco com suas mãos.

- Humm! - aquela voz de velho ranzinza e aquelas vestes fedorenta intrigava Débora. - Vá embora menina! - se virou e continuou a cavar.

Débora jamais iria embora sem uma explicação - logo Débora Espirfan -, uma menina curiosa, destemida e ansiosa com tudo em sua frente; não, não. Ela não iria embora jamais.

- Por que estás cavando essa cova, senhor? - ela passa a frente do velho desconhecido, o olha no esforço danado ao encavar a pá e puxar o barro para cima.

- Não estou cavando uma cova, menina - resmungou ele. - Estou à procura da minha filha.

Débora, assustada, torna com os contos em sua cabeça que ouviu do seu pai e de Neyvan. Ela se apavora, mas não sai do lugar. Passos curtos para trás ela dá.

- Não entendi, senhor! - ela se afasta do velho desconhecido. - Sua filha? Aqui? Em nosso quintal?

Aquele pobre velho larga a pá e cai de joelhos em frente o pequeno buraco que conseguiu fazer. Pôs as mãos em sua face e cai em choros...

- Sim! - disse ele com a sua voz abafada por suas mãos. - Ela foi levada de mim há muito tempo e eu estou à procura dela desde então.

Débora se aproxima do velho desconhecido lentamente com um semblante de tristeza e é pega de surpresa ao vê-lo

levantando-se dum salto de cólera enquanto grita com uma voz irritante e assustadora: *"Devolvem a minha filha!", "Hã!",* Débora se assusta ao olhar aquela face monstruosa, apavorante de dentes afiados, cabelos grisalhos e olhos negros arregalados vindo em sua direção... O horroroso velho enfermo avança em cima de Débora e coloca suas mãos sobre a cabeça dela... A vista de Débora vai turvando. A gargalhada maléfica do velho asqueroso vai se abafando conforme Débora vai apagando. Uma mistura de várias imagens e filmes se passam em sua mente nessa hora...

(...)

"- Venha com o papai, filha! - lá se vem a pequena Margarete. Ela corre pelo um campo florido de verde abundante. O pomar enriquecido de cheiros agradáveis e vales onde o horizonte é uma rica vista para a admiração.

"- Venha, meu amor! - ela se joga nos braços de um homem de aparência jovem, cabelos castanhos escuros, moreno claro e esbelto. Ela não tinha medo dele, pelo o contrário, ela amava-o e confiava nos abraços daquele homem quando ela se jogava dos galhos de uma pequena árvore de mogno.

"- Margarete! Miguel! - grita uma linda moça em frente uma linda cabana de madeiras novas, pintura envernizada, janelas com cortinas lindas e floridas; sua porta era coberta de palhas novas e protegida com verniz também.

"- Vamos, filhota, a mamãe está chamando! - ela é colocada sobre os ombros do jovem rapaz com uma única puxada que ele dar. Ela voa e sorri da pequena viagem do chão até os ombros confortáveis do rapaz e logo ele vai correndo como um aviõozinho para alegrar a pequena Margarete até a cabana..."

Débora acordou do transe e se encontra deitada dentro do pequeno buraco que o velho desconhecido fez... Ela olha para todos os lados com olhares rápidos e se levanta. Não há nada que possa dizer que aquele velho

triste e, ao mesmo tempo assustador, estava lá com ela; nem a própria pá que ele a deixou cair estava por perto - não existia. Débora retorna para a casa em correria. Seguida pelo o medo, ela sempre olha para trás com um olhar de espanto...

Domingo, 10hr da manhã

Um domingo nublado. Os cantos dos pássaros sobre o telhado acordam Débora que dormia no chão frio do sótão. Aquele sótão de preferência única de Débora está sujo e empoeirado, sempre! Mas para ela sempre está perfeito.

Seus olhinhos vão se abrindo e suas mãos eleva-se esfregando sua face preguiçosa. Seus longos cabelos bagunçados; seu vestido preto de dormir empoeirado, mas cheirava como bebê.

- Pai? - Débora desce as escadas de acesso ao sótão.

Ela Segue o reto do enorme corredor até a porta do quarto do seu pai.

- Pai? - Seus olhinhos ainda estavam sujos e seus cabelos jogados para os lados.

Agora Débora desce a gigantesca escada curva principal e vai para o escritório de Alfred.

- Pai? - ela abre a porta, mas Alfred não está.

- Pai, cadê você?...

- ...estou aqui, filha!

- Ah! - Débora se assusta da aparição inesperada de Alfred atrás dela. - Pai, o senhor me assustou - ela o abraça com dengos.

- Eu estava no porão, filha. - Alfred acalenta ela com suas mãos em sua cabeça...

(...)

Após a longa rotina matinal: Banho e café da manhã, Alfred e Débora continuam sentados um de frente para o outro.

- Pai? - ela interrompe a leitura de Alfred que lia fixamente seu pequeno diário após o café.

- Fale, filha. - Ele abaixa seu diário e mantém em mãos.

- Continue a sua história com a mamãe.

- Bem... - Alfred pega seu diário e o coloca sobre a mesa e o esconde embaixo de um guardanapo.

Débora observa aquela cena, mas preferiu não interromper o conto...

"Então..."

Capítulo 5 - Amor. Meu louco amor.

...Ouro Azul. 1971.

"...Depois que meu tio Jhon conheceu a Barbara, meu pai e eu ficamos sozinho na lavoura... Minha mãe cuidava das coisas em casa enquanto cuidávamos do campo.

"Na virada do ano de 1971 para 1972, fomos passar o ano novo na casa da sua avó. Todos já tinham esquecidos a nossa travessura de fugitivos. Estávamos todos se divertindo, mas o pai da sua mãe, o Neyvan, nunca mais tinha aparecido. Ninguém sabia do seu paradeiro... A sua avó estava meio abatida, mas nada pôde atrapalhar a nossa festa de fim de ano...

"Eu estava conversando com minha mãe e a sua avó em frente da casa dela. Foi nessa hora que a sua mãe passa ao meu lado e fala em meus ouvidos:

"- Vai lá para o quintal de casa, rápido!

"Ela me olhou com um olhar de menina feliz. Sorrindo, saltitando, como se fosse uma menina tranquila, ela se distanciou de mim e sumiu em meio à multidão que lá em frente à sua casa continha.

"Sai de fininho, passei entre as pessoas, passei por dentro da sua casa e sai pela a porta dos fundos. Caminhei sobre uns pastos, me aproximei de uma arvores grandes e logo a vi...

"Ela estava sentada com um prato de comida em uma mão e na outra, uma taça de vinho. Ela usava um vestido lindo de cor branca, usava uma travessa e um lindo sapatos pretos. O batom em sua boca é retirado pela a taça nas goladas do vinho que ela dava.

"- Você sabe que não pode beber, né, Hellem? - dava para se ouvir aquelas músicas brega abafadas pela a distância e fogos de artifício explodindo no céu de vez em quando...

"- Para de reclamar, Alfred. Senta-te aqui do meu lado. - a sua mãe me puxou pela a minha mão direita. Eu quase caia por cima dela, mas eu me apoiei na árvore que ela estava encostada..."

"Me sentei bem do ladinho dela. Senti seu cheiro, senti o calor do seu corpo; fiquei admirando-a enquanto ela saboreava seu vinho tinto em uma taça linda de cristal da sua mãe..."

"Ela retirou a taça da sua linda boca pequena e me falou:

"- A minha mãe vai comprar a casa do seus pais, Alfred. - a sua mãe fica olhando os fogos da meia noite começando a explodir no céu com lágrimas nos olhos e continua: - Eu estava ouvindo a conversa deles três lá na cozinha enquanto eles se serviam. Seu pai estava falando que vocês vão embora e ele queria uma pessoa conhecida para comprar a casa de vocês, pois ele tem medo que alguém a compre e queira a demolir depois."

"- Nem sei o que fazer, Hellem! - eu fiquei olhando para ela , me pegastes de surpresa com essa notícia que saiu de casa e nem passou por mim."

"Eu vi que ela estava muito atenta na queima dos fogos no céu. Ficamos em silêncio e comecei a observar os fogos junto com ela... Ela deixa o prato de comida sobre suas pernas, pega em minha mão esquerda, dá mais um gole no seu vinho e me fala:

"- Eu fui ontem lá na cabana do meu pai, Alfred! - ela olha para mim. Aqueles lindos olhos graúdos e azulados não estavam mais negros."

"- O que foste fazer lá, Hellem? - eu a perguntei enquanto ela vira sua cabeça e fica olhando para o nada... ela deu a última golada em sua taça com vinho e me respondeu:

"- Eu desenterrei o cadáver do filho da vizinha. Raspei toda a pele do seu corpo e guardei apenas os ossos em um saco grande. - a música estava mais alta. Os fogos de artifício ainda dominam o céu coberto de fumaça enquanto ela jogava o seu prato de comida no mato."

"Eu não queria mais contradizê-la. Não fui contra ela sobre o que ela fez... Eu queria deixá-la serena e tranquila como ela estava naquele dia no ano novo... Me mantive caladinho ao seu lado. Foi quando ela me disse:

"- Vamos dançar, Alfred? - ela se levantou e me puxou pelos os dois braços. Abraçou o meu pescoço e eu a sua cintura e começamos a balançar '- pra lá e pra cá -'..."

"Não sabíamos dançar, claro. Estávamos apenas no embalo da emoção. Eu estava encarando seus lindos olhos azuis. Ela era muito pequena nessa época. Ela ficava de ponta de pés para me abraçar e eu me curvava um pouco para lhe abraçar.

"- Você é muito linda, Hellem! - eu disse para ela.

Ela coloca seus lábios entre seus dentes e logo me falou sorrindo:

"- Me beija, Alfred!?..."

"Aquele foi o nosso segundo beijo..."

"A música era um jazz muito agitado, mas nossos passos eram de música lenta. Restaram poucos fogos explodindo no céu... A sua boca suave beijava meus lábios. Eu a apertava a cada beijo que ela me dava. Sentia a sua respiração nasal e seu coração batendo forte. Paramos de 'dançar' e fomos andando mais para dentro da floresta em beijos... Encontramos um lugarzinho mais distante de todos e lá mesmo fizemos amor pela primeira vez de nossas vidas..."

Débora começa a chorar. Alfred abraça ela e fica acariciando seus longos cabelos enquanto fala:

- Esse momento nunca mais saiu da minha cabeça! Mas eu nunca esperava que a sua mãe ficasse tão diferente depois desse dia...

- ...como assim, pai? - Débora o interroga em descanso no seu ombro.

"...Depois desse dia, não demorou muito para nos mudar da cidade grande.

"Meu pai, eu e minha mãe, fomos embora no dia 22 de Janeiro de 1972. Ainda tivemos a última chance de nos

encontramos por trás da casa dela à noite... fizemos amor pela a segunda vez e depois passou tempo para nos encontrar novamente...

"O tempo foi passando... Fui para o quartel. Servi durante 9 meses, mas logo saí em dispensa.

"Eu e sua mãe mantínhamos contatos apenas por cartas e cartões. Passamos mais de 4 anos nesse contato que já estava se tornando monótono. Eu queria abraça-la, cheira-la; eu queria estar com ela novamente...

"No meio do ano de 1976, eu já estava com 27 anos de idade e a sua mãe estava com 18 anos de idade. Eu enviei uma carta para ela que dizia: 'Estou voltando meu amor'.

"Durante três anos de economia, eu consegui guardar dinheiro que eu recebia do quartel e do trabalho... Foi quando eu consegui retornar a minha cidade natal e aluguei uma casa no centro da cidade. Ela ainda não sabia. Foi quando eu resolvi enviar uma carta para ela dizendo o endereço da minha casa... Ela ficou tão feliz e louca apara me ver que ela não perdeu tempo...

"Em uma sexta-feira, por volta das 9hr da manhã, nos encontramos em minha casa às escondidas.

"- Oi meu amor - disse ela me beijando muito -, que saudade, que saudade!!!

"- Oi minha vida - eu a retribuía seus carinhos.

"Não perdemos tempos. Estávamos muito afoitos. A carreguei no colo e a levei para o meu quarto e fizemos o nosso terceiro amor de nossas vidas...

"Depois do nosso ato consumado, ficamos deitadinhos. Ela estava bem agarradinha comigo e eu ficava lhe fazendo carinhos enquanto lhe dizia:

"- Eu vou pedir a sua mão em namoro da sua mãe.

"Ela me olhou nos olhos, sorriu e a única atitude que ela teve naquela hora foi de me beijar profundamente...

"Quando se passou aquele dia, eu marquei um encontro com a mãe dela em um jantar formal na residência dela mesma. Foi quando eu pedi a mão da sua mãe a mãe dela. Ela aceitou logo de primeira, pois ela já sabia o quanto

nós nos amávamos, o quanto estávamos esperando por esse dia...

"Quando foi em novembro de 1976, a sua mãe me fez uma surpresa..."

- O que ela fez, pai? disse Débora bastante ansiosa como sempre...

"...Eu estava deitado no sofá assistindo TV. Alguém pôs uma carta por baixo da minha porta. A carta havia escrito: 'Te encontro no cemitério hoje à noite às 7hr30!'"

"Confesso que eu estava muito nervoso. Me bateu logo a ansiedade e um pouco de medo, pois eu não queria que tudo aquilo voltasse... Eu queria um bem estar com ela, dependente de tudo aquilo que aconteceu conosco, eu só queria viver com ela normalmente..."

"Por volta das 7hr da noite, eu cheguei ao cemitério. Me sentei em um banco de um jazigo e fiquei à espera dela..."

"A noite estava muito fria. Ventava muito e relampeava bastante. Eu não estava suportando aquele silêncio mórbido, pois começou a passar em minha mente a barbaridade que Hellem havia cometido (isso era um tormento nas minhas solidões)..."

"Mas ainda bem que eu não a esperei por muito tempo, eu logo a vi chegando pela a parte de trás do cemitério. Ela estava usando um longo vestido preto e uma travessa sobre a sua cabeça entre seus longos cabelos, se parecia com um véu de noiva; florido, cor branca e puxava seus longos cabelos para trás. Nos abraçamos e nos beijamos tão gostoso que passou em minha cabeça o nosso segundo beijo lá no quintal da casa dela naquele ano novo de 71 para 72..."

"- O que você tem para me contar, Amore? - eu olho em seus olhos cheios de lágrimas enquanto ela pôs a minha mão direita em seu ventre e falou:

"- Ela vai se chamar: Débora! - me ajoelhei diante dela em choros e comecei a beijar sua linda barriguinha enquanto ela me alisava a cabeça..."

(...)

"Abril de 1977, ela já estava com cinco meses de gravidez... Ela já estava morando comigo em minha casa alugada. Foi quando seu irmão nos deu a trágica notícia:

"- A mamãe morreu, Hellem! - disse ele sentado na sala de casa conosco.

"A Hellem cai em choros constantes enquanto me abraçava forte. Ela se lamentava muito e eu sempre a mantinha calma por causa da sua gravidez... 'Calma, meu amor. Cuidado com a nossa bebê', dizia eu a ela.

"A sua avó sofria de uma depressão aguda desde quando o seu marido foi embora de casa naquela época... Quando foi em março de 1977, ela pegou uma pneumonia e nunca mais se curou dela... A sua vó morreu em seu próprio quarto - é onde é o meu quarto agora!"

Débora chora e conto continua...

"Depois de uma semana, logo depois do falecimento da sua avó, o irmão mais velho da sua mãe me propôs de morar lá com ele, já que a casa é bastante grande para uma só pessoa morar.

"Eu e Hellem aceitamos logo de cara, pois, o meu dinheiro já estava se acabando. Nos mudamos de imediato...

"Os meses se passaram e, quando foi dia 23 de agosto, você nasceu!"

"Estávamos em festa. A vizinhança e amigos vieram prestigiar o seu nascimento. Seus dois tios fizeram uma festa entanto nesse dia. Foi perfeito aquele dia, sempre quando estávamos assim, me vinha a cabeça aquela noite de ano novo...

"Depois de dois anos, após o seu nascimento, você teve pneumonia. Ainda não sabíamos bem o que era isso. Você estava ficando com muita febre, não queria se alimentar, não parava de tossir e estava muito anêmica. Eu e a sua mãe estávamos ficando desesperados e, para completar, a medicina era muito escasso nesse tempo. Íamos ao hospital, mas sempre voltávamos com receitas médicas repetidas.

"Depois de quase duas semanas de peleja, conseguimos um bom médico para cuidar de você. Ele ordenou uma bateria

de exames em você e foi quando ele descobriu que você estava com leucemia... Pensávamos que era uma coisa, mas já era outra.

"A sua mãe entrou logo em desespero quando soubemos o que era 'isso'. Ela chorava muito e entrou em depressão muito rápida... Ela dormia junto com você em seu berço e sempre me falava essa frase fúnebre: 'vou dormir aqui com ela hoje, meu amor, pois, ela pode amanhecer morta amanhã'

"No ano de 1985, o irmão da sua mãe foi embora para a cidade grande com uma mulher que ele estava namorando. Você já estava com 8 anos de idade; você já não estava mais resistindo a nada... O nosso dinheiro estava acabando e a sua mãe estava ficando cada vez mais desesperada...

"Em uma noite de sexta-feira, eu e sua mãe começamos a conversar:

"- O que vamos fazer, Alfred? - ela me olha com seus olhos cheios de lágrimas e segura as minhas mãos. Estávamos na sala de estar. Havia apenas um sofá, uma mesinha de centro com um grande tapete de pano felpado sob ela. Havia uma TV de 14', o quadro com você deitada - aquele que você falou sobre ele ontem - e cortinas grossas que cobriam as janelas.

"- Acalma-te meu amor, vai dar tudo certo! - eu sempre a acalmava com minhas palavras de carinhos que eu mesmo já sabia que, às vezes, não serviam para mais nada naquelas horas.

"Nossos sussurros ecoavam aquela enorme sala enquanto a chuva desabava forte na cidade de Ouro Azul.

"- Eu não quero vê-la sofrendo tanto assim. Eu já sofri muito com a perda do meu pai, da minha mãe e agora não quero sofrer com a perda da Débora...

"Eu já estava ficando impotente vendo a sua mãe daquele jeito, mas sempre eu conseguia um jeito de acalma-la...

"Se passou mais um ano... E em um domingo, no ano de 1986, eu me acordei na calada da noite e não encontrei a sua mãe em nossa cama. Fui até o seu quarto e não a encontrei em sua cama deitada com você. Desci as escadas lentamente e fui até a sala... Não a encontrei por lá. Fui para a cozinha e também não a vi por lá. Logo percebi que a porta dos fundos estava entreaberta... Fui até a porta bem devagar e a abri. Olhei para todos os lados de fora, mas não a encontrei... Foi quando passou em minha cabeça onde ela deveria estar naquela madrugada..."

"...Entrei logo em desespero e fui correndo rapidamente para dentro da floresta... Nessa noite, estava chovendo muito... Saí correndo agoniado e tropeçava nas raízes e galhos na trilha que já conhecia há anos. Passei quase 10 minutos correndo e, logo depois da minha maratona de desespero, sob a chuva forte, eu chego na cabana... Eu não queria acreditar no que meus olhos estavam vendo..."

- O que aconteceu, papai? - Débora olha para seu pai assustada...

"...Eu vi sua mãe empunhando um machado e a sua frente havia uma menina de joelhos - ela deveria ter uns 7 anos de idade. Ela estava com suas mãozinhas amarradas para trás, chorava bastante e estava completamente pelada.

"Foi quando eu gritei para a sua mãe:

"- Hellem! O que estás fazendo?

"A sua mãe virou-se para mim com um semblante assustador, sorriu e logo tornou seu olha para a menina..."

"Me aproximei mais dela e a implorei:

"- Não faça isso, Hellem, por favor!..."

"Ela estava reinando muito; com uma voz estranha, ela gritou:

"- Uma vida pela a vida da minha filha!..."

"Eu olhei para o lado esquerdo tampando meu rosto com minha mão direita. Eu não queria ver aquela cena bizarra e hedionda que ela tinha acabado de fazer..."

"A sua mãe decapitou aquela pobre e frágil criança..."

"Espirros de sangue caíram sobre mim. A sua cabeça veio rolando próximo aos meus pés e eu vi os olhinhos dela ainda abertos... Eu tornei a olha-la e a vi mutilando brutalmente aquela criança com aquele grande e amolado machado enquanto as pequenas perninhas e braços da menina ainda se mexiam... Eu comecei a vomitar, caí de joelhos e apaguei..."

"Não sei por quanto tempo eu fiquei desmaiado, só me lembro de acordar com os barulhos que a sua mãe fazia com a boca ao raspar toda a pele da menina depois de tê-la queimada na fogueira."

"Eu estava estagnado sobre o chão molhado, mas presenciei toda a sua ação de carnificina com o corpo desfigurado e esquartejado da criança; naquela hora, não se sabia se era uma criança ou se era um animal qualquer..."

"Hellem, após retirar toda a pele, uma porção de gordura da criança, ela guardou apenas os ossos da menina dentro de um grande saco plástico, assim como ela fez com o menino..."

"Eu sei que eu precisava fazer alguma coisa para parar tudo aquilo, mas eu a amava muito. Eu era o cúmplice das loucuras dela. Eu já estava envolvido com ela desde o dia que eu me encontrei com ela lá no cemitério pela a primeira vez..."

Débora se levanta lentamente da sua cadeira e fala:

- Você deveria ter feito algo, pai! Você poderia ter impedido ela de ter feito aquilo com aquelas crianças...

- ...eu sei minha filha, mas o que eu iria fazer?

Denuncia-la? Entrega-la? Entenda minha filha, eu amava muito a sua mãe. Eu ainda tentei conversar com ela mais uma vez sobre esse fascínio as magias do pai dela.

"...No dia seguinte, eu chamei a sua mãe lá para o sótão. Eu estava sentado em uma cadeira de balanço enquanto segurava o diário do seu avô. A sua mãe estava em pé

olhando pela a janela a floresta das sombras. Foi quando eu comecei a falar:

"- Meu amor - minha voz estava suave -, você precisa parar com isso. As pessoas estão atrás de seus filhos nessa hora... E se eles descobrirem que foi você?! ...Você pode ser presa e até ser sentenciada a morte! E depois, como vamos ficar eu e Débora? Ela precisa de você, mas não desse jeito... Eu tenho medo de você, sabias? Parece que alguma coisa entra em você e você fica transformada..."

"Eu vi lágrimas começando a rolar dos seus lindos olhos enquanto ela permanece seu foco na floresta das sombras. Ela fica em silêncio, mas logo diz:

"- Você já leu o diário do meu pai, Alfred? - sua mãe se vira e olha em meus olhos -, diz aí que precisamos de oito crianças. Temos que retirar os ossos delas e raspá-los. Depois temos que misturar o pó de ossos com sangue de uma virgem..."

"- ...não! - gritei me levantando da cadeira -, Não temos que fazer isso, amor? - Vou em direção a ela e ficamos abraçados enquanto ela sussurra chorando em meus ouvidos:

"- Não temos mesmo, Alfred. Sou eu que tenho que fazer! - a sua mãe me empurra levemente com ambas as mãos, abaixa a sua cabeça e vai embora para o seu quarto ficar com você..."

" Fiquei em pé olhando a floresta pela a janela e logo desci as escadas do sótão e fui até o seu quarto. Fiquei no solar da porta encostado na aresta e a vi bem abraçadinha com você na cama. Me aproximei de vocês duas e falei:

"- Se você for presa, eu me mato!"

"Depois desse dia, eu a deixei livre para fazer o que bem entendesse, mas eu tinha deixado bem claro a ela..."

Débora se levanta da cadeira lentamente, passa suas mãos entre seus cabelos; pára, olha para o seu pai com um olhar de espanto e logo o falou:

- Você iria nos deixar - sua voz é trêmula...

- ...calma filha! N-não é...

- ...tu ias me abandonar? - ela pôs suas mãos em sua face triste.

- Não é bem assim, filha! - Alfred se levanta da cadeira rapidamente e vai até Débora. Ele a abraça e ela não retribuiu o abraço. Ela fica chorando em seu ombro e sussurra em choros:

- Não me diga que a mamãe foi presa, pai!

Alfred faz carícias nos longos cabelos dela e começa a falar:

- Não minha filha! Ela não foi presa...

- ...então, o que aconteceu com a mamãe, pai?

"...Em 1987 ela matou mais uma menina. Eu não queria participar dos seus rituais macabros. Eu ficava em casa cuidado apenas de você... Ela se embrenhava naquela floresta das sombras e só saía de lá quando ela acabava com seu ritual..."

"Sempre quando era 6hr da manhã, ou menos, a sua mãe aparecia em casa toda banhada em sangue exausta e com muita fome. Deixo-lhe em sua cama dormindo enquanto eu ia cuidar dela. Eu não tocava no assunto com ela sobre o que ela fez ou deixava de fazer, eu apenas a acalmava com carinhos em meus braços e a colocava para dormir..."

"Aquilo foi se tornando uma rotina bizarra em nossas vidas..."

"Ainda, no ano de 1987, em noite de natal, a sua mãe levou mais uma criança para a floresta... Eu apenas fiquei observando da janela do seu quarto ela indo com a criança em seus braços desmaiada. Enquanto a sua mãe estava prestes a matar uma criança, as pessoas lá na cidade estavam soltando fogos de artifício no céu a

festejar a noite de natal. Enquanto isso, eu pensava em silêncio: 'Não sei como ela fazia para ir à cidade e trazer uma criança com ela'.

"Fecho meus olhos ao som da girândola e tento me concentrar com as lembranças de quando começamos a nos beijar pela a segunda vez na virada do ano; mas, agora, enquanto os fogos iluminavam o céu naquela noite, eu ficava olhando a sua mãe se embrenhando mata a dentro...

"(...)

"Logo no começo de janeiro de 1988, as pessoas na cidade começaram a entrar em pânico. Ficaram mais apavoradas e mais alertas com o fato dos sumiços das crianças. A polícia já estava mais ativa nas buscas das quatro crianças desaparecida desde 1971. Foi quando eu queria, definitivamente, dá um basta naquilo tudo...

"Era uma noite de domingo... O relógio marcava 2hr da madrugada. Eu te dei os medicamentos e depois te fiz dormir... Fui à cabana do seu avô e a encontrei por lá. Ela já tinha sequestrado mais uma criança da cidade. Eu confesso que eu não sabia como ela fazia aquilo. Ela deve ter um tipo de truque, só pode! Como ela conseguia pegar as crianças e passar despercebida dos olhos de todos da cidade? Às vezes, eu admirava toda essa sua sutileza; aquele desejo que a consumia por dentro...

"Chegando na cabana, me aproximei da porta e disse-lhe carinhosamente:

"- Hellem, meu amor - eu estava muito nervoso -, não faça mais isso! - eu estava encostado na aresta da porta. Eu tampava a minha boca e meu nariz com um pano, pois a fetidez no ambiente era de embrulhar estômago...

"- Restam apenas três crianças, Alfred, meu amor! - ela me disse enquanto estava retirando a pele da criança que ela havia queimado antes da chuva cair...

"Ela Sempre estava na mais pura calma; sempre com a certeza que estava tudo bem. Foi quando lhe falei em prantos:

"- Amo-te muito meu amor, mas se você não parar, eu te mato! - eu saquei uma arma e aponteí para a cabeça dela enquanto ela estava sentada de costa para mim..."

- ...mentira que você fez isso, pai! - Débora é Alfred já estão sentados na mesa um de frente para o outro. Ela se encosta em sua cadeira e pôs suas mãos em sua face e gritou: - Eu não acredito que você fez isso, pai!...

- Eu já estava ficando louco junto com as atitudes dela, filha!... - Alfred chora -, Ela deveria estar fazendo aquilo por prazer de matança... - ele assenta suas mãos sobre a cabeça -, Eu já não estava aguentando mais essa vida! - ele bate suas mãos sobre a mesa, agora -, Eu via a sua mãe como um animal feroz: Caçava as crianças indefesas e as matavam sem piedade. Nunca mais ela dormiu com você, tampouco comigo; ela se parecia uma criatura que eu estava criando em nossa casa...

"- ...Queres me matar, Alfred, depois de tudo que fizemos juntos? - ela larga a espátula, se levanta lentamente e se vira de frente para mim..."

"- A única coisa que fizemos juntos, Hellem, foi a nossa antiga história de amor. Agora, de uns tempos para cá, você veio mudando drasticamente... Olha em que você se tornou!..."

"- ...eu faço isso pela a nossa filha, Alfred. Ela está morrendo!..."

"- ...não, Hellem! Você está fazendo tudo isso por um desejo incontrollável de matanças. Você herdou isso do seu pai. Você ficou doentia com tudo isso, Hellem..."

"- ...cala-te, Alfred! - a sua mãe cai de joelhos em prantos..."

"Eu senti tanta pena dela e, ao mesmo tempo, uma enorme falta daquela menina que ela era: Apaixonada, carismática, amigável... ...ela era tudo para mim, mas, agora, eu estava presenciando uma criatura monstruosa que eu mesmo criei com minha cobertura..."

"De fato, eu ainda sou cúmplice das cinco mortes daquelas crianças..."

"- Nossa filha vai sobreviver, Hellem. Não precisamos dessa magia de reanimação de espírito - eu disse.

"- ...quem irá curá-la, Alfred? Deus? - ela ergue a sua cabeça -, Ah, ah, ah! - ela sorriu de deboche...

"- Não estou falando de Deus, Hellem. Eu acredito na cura dela pela a medicina.

"Houve um silêncio entre nós dois por um instante. Hellem olha para o infinito da obscura floresta. O vento balançava os galhos das árvores, as corujas estavam em silêncio no oco das árvores e o som que a chuva fazia ao bater no teto de palha e telhas da cabana ecoava em toda parte da floresta.

"- Alfred, meu amor! - a sua mãe, ainda de joelhos, tornou seu olhar para mim com uma voz suave -, Cuide da Débora. Cuide da nossa filha, meu amor. Você saberá o que fazer.

"A sua mãe enfia uma faca em seu próprio coração e caiu sobre o corpo da criança mutilada...

"- ...Não! - caí em desespero sobre o corpo dela -, Hellem, meu amor! Não, não, não, não!... - como sempre, não pude fazer nada para salva-la.

"Ela ficou agonizando enquanto eu a pegava em meus braços e a apertava em meu peito. Eu observava aquele olhar negro se tornando novamente aqueles lindos olhinhos azuis. A chuva se misturava com o sangue dela no piso de madeira da cabana. Eu abracei aquele lindo e ensanguentado corpo; chorei bastante, caí em prantos diante aquela última cena trágica entre nós dois até a chegada do seu óbito.

"Aquela foi a última vez que a tive em meus braços..."

Débora cai em desespero e chora bastante em sua cadeira. Seu choro, Insuportavelmente, ecoa por todo o casarão. Aquela menina deprimida, que em cada conto era um rasgo em seu coraçãozinho se levanta e vai para o seu quarto. Seus passos firmes sobre o chão de madeiras batiam como um tambor velho de machas fúnebres. As paredes velhas tremiam em cada passo dado. Alfred

apenas lhe acompanhou a saída com olhar de choro; pôs suas mãos em sua cabeça e chora também...

- Que droga! - ele bate na mesa em gritos -, O que eu fiz para merecer isso!?...

...As horas se passaram... O relógio grande da sala, com os *tic-tac* sombrio, marca 6hr30 da tarde. A chuva vai engrossando e castiga a cidade de Ouro Azul... Alfred está no seu escritório enquanto Débora fica em seu quarto em prantos... Sentado em sua poltrona, Alfred acende o seu cachimbo preto e começa a ler o seu diário...

...Débora se levanta...

...A lareira - com suas chamas grandes - vai clareando o escritório e aquecendo o corpo frio e velho de Alfred enquanto ele começa a escrever em seu diário...

"Hoje, por volta das 10hr30 da manhã, eu falei tudo para a Débora... quer dizer, quase tudo..."

- ...por quê, quase tudo, pai! - Débora está no solar da porta do escritório.

Alfred olha para trás assustado fechando o seu diário. Ele dá um trago em seu cachimbo e a chama para se sentar:

- Senta-te, filha! - ele estende seu braço esquerdo apontando para o sofá.

- ...por quê, quase tudo, pai! - Débora entra -, Me responda! - ela se senta no sofá diante a poltrona de Alfred.

Alfred suspirou fundo. Abaixou a sua cabeça entrelaçando suas mãos. Recostou-se na poltrona e continua o conto...

(...)

"Depois que a sua mãe se matou, eu destruí toda cabana. Queimei o corpo dela junto com as madeiras da cabana. Enterrei os restos mortais dela no mesmo local da tia

dela - a Kate. Quase todos as noites, depois que eu fazia você dormir, eu ia lá no local encobrir a área dos assassinatos... Enterrei as madeiras queimadas, enterrei todas as coisas do seu avô e esperei o tempo tomar conta do resto do processo de ambientação do local.

"A verdade de tudo era que eu não gostava de ir lá. Eu apenas amava a presença da sua mãe...

"Quando fugimos para lá, na primeira vez, eu imaginava que íamos ter uma vida normal, ter uma vida a dois, mas me enganei...

"Hoje em dia eu detesto aquele local; a floresta em si. Primeiro: Porque me fazia lembra a sua mãe - nossos primeiros momentos juntos. Segundo: Lá é muito sombrio e assustador; eu ouvia crianças chorando, elas me batiam ou me puxavam... Sempre quando eu ia por lá eu acendia velas para elas, mas isso não adiantava. Elas ficavam chorando em meus ouvidos me levando a loucura... Ah, eu não quero pisar naquele lugar nunca mais!"

Alfred pega mais tabaco e prepara mais um fumo em seu cachimbo preto... Acende o forninho, aspira o fumo e continua...

"...O ano foi passando e tudo foi se acalmando em nossa cidade pequena. As pessoas já não comentavam tanto sobre os desaparecimentos das crianças no Ouro Azul... Eram fofocas de lá, contos ali, aqui..., mas ninguém teve a verdadeira pista do caso. Chamaram até de: 'As crianças da colina', por devido a nossa cidade ser cercada de montanhas e florestas.

"Mais o tempo se passava e, em meio ao grande remorso que eu levava comigo mesmo, eu tentava viver a vida normalmente. Nunca mais me casei... Vivi aqui apenas para cuidar de você e nada mais...

"Três anos depois da morte da sua mãe, você está aqui. Uma menina boa de saúde, inteligente; cuidei de você como a sua mãe me pediu em seus últimos suspiros..."

Débora fica olhando seu pai de cabeça baixa segurando o diário em suas mãos com o seu cachimbo na boca. Ela se levanta lentamente e vai em direção a ele. Parou ao lado

esquerdo dele pondo a sua mão direita sobre seu ombro e o falou:

- Não quero mais morar com você, pai! - ela suspirou fundo enquanto ele a olha -, Eu quero morar com meus tios; com qualquer pessoa; seja da minha família ou não, mas com você, jamais quero continuar morando...

Débora sai do escritório cabisbaixa sem olhar para trás. Passa pela a porta e a fecha sem bater. Sobe as escadas lentamente alisando o corrimão de madeira envernizada e vai para o seu quarto onde permanece o resto da noite...

Alfred, ainda sentado em sua poltrona, chora bastante com a foto de Hellem em suas mãos. A única foto que ele tem dela é a foto que a mãe dela bateu naquela noite de ano novo inesquecível para ele. As lágrimas caem sobre a foto, mas Alfred passa sua mão com todo o carinho para enxugar a única foto do seu grande amor.

Capítulo 6 - A luz da vela. Minha vida.

Segunda-feira

A noite está muito fria. A chuva forte, os relâmpagos e trovões açoitavam o céu da pequena cidade de Ouro Azul... A pequena Débora, ainda magoada, está sozinha no sótão desde às 9hr da manhã... Ela usa um moletom amarelado, uma calça jeans preta e não pára de rabiscar o seu diário... Seu pai está no escritório, nem se sabe se vai trabalhar hoje. Ele fuma o seu cachimbo preto enquanto, sentado diante da lareira, ler seu diário misterioso...

O relógio velho de madeira na parede da sala marca meio dia e quatorze, foi o exato momento que Débora ouviu uma voz sussurrando suavemente em seu ouvido esquerdo:



- *Debora!*... - Débora para de escrever instantaneamente -, *Levanta-te e olhe pela a janela!*...

Débora se levanta às pressas, larga o seu diário no canto e vai até a janela. Sua sutileza, ao abrir a cortina que cobria a janela, foi de suspense... Seus olhinhos de curiosa fixaram para a floresta. As gotas de chuva não paravam de rolar sobre as vidraças da janela e seu suspiro ofegante mantinha o embaço sobre eles... Débora

passa a sua mão direita dentro do moletom para remover o embaço dos vidros enquanto ela ficava procurando alguma coisa lá fora, mas o embaço permanecia...

- Quem está aí? - disse ela com sua voz suave olhando para todos os lados lá embaixo... -, Aonde vocês estão?...

Débora, sem muito êxito, destranca a janela e a deixa entreaberta.

A chuva, sem ser convidada, começa a molha seu rosto e seus longos cabelos enquanto ela fica à procura de algo na floresta... ...sem êxito, ainda!

Por ser uma menina muito curiosa, Débora não se contenta. Sai da sua casa sem que seu pai perceba e, sob a chuva forte que cai na cidade, ela vai em direção a floresta assombrada...

Ela não se protege da chuva e nem leva uma lanterna consigo. Segue o extenso caminho do quintal sobre o pasto em direção a trilha e embrenha-se no túnel de galhos, raízes, arbustos e muita lama em seus pés...

O seu caminhar é sem pressa...

- Olá?! - ela vai olhando para todos os lados -, Cadê vocês, crianças?...

Os raios ensurdecedores vêm com fúrias do céu e estalam sobre as copas das árvores, mas Débora não se aflige e continua gritando:

- Cadê vocês crianças? - ela quebra galhos abrindo caminhos -, dêem-me um sinal!

Débora não demorou muito tempo a sua caminhada nas trilhas da floresta. Pôs suas mãos em suas coxas em descanso, suspira, olha para os lados e com muita sorte Débora encontrou o local onde estava a antiga cabana do seu avô a dez metros a sua frente:

- Encontrei! - diz ela atônita e cansada.

Débora vai se aproximando da área afoita e ofegante. Começa a vasculhar os destroços da antiga cabana. Remove alguns pedaços de paus que há em meio as raízes, retira pedaços de galhos de árvores, anda - pra lá e pra cá -, e não encontra nada...

Débora fica muito exausta nessa maratona. Sentou-se em um grande tronco de árvore, pôs as mãos em sua face e abaixou a sua cabeça...

Ela fica em silêncio por alguns segundos e logo sussurra:

- Aonde vocês estão, crianças?...

- ...*Estamos aqui!*...

- Hã!? - Débora se assusta com um sussurro em seus ouvidos e um toque em seu ombro. Ela se levanta do tronco o mais rápido que pôde e olha para trás. - ...Nossa!... - surpresa diz ela -, Caramba!... - Débora, com um semblante de admiração e lágrimas em seus olhos, olha várias crianças e logo percebeu que seu pai havia mentido para ela. - Vocês são muitas! - continua ela -, meu pai falou que eram apenas seis crianças mortas, contando com a Kate...

Débora, pasma, afunda sua face em suas mãos e desatou em um choro violento. Ela desaba de joelhos diante as crianças que logo elas a cercaram e abraçam-na.

ALGUMAS HORAS DEPOIS...

Alfred não deu fé que Débora havia saído. Ele saiu do seu escritório e subiu para o seu aposento sem dá a mínima para ela.

Por volta das seis horas da tarde, ele ouve uns barulhos que viam lá de baixo...

Ele se levanta lentamente, sai do seu quarto e desce as escadas sutilmente. Alfred, intrigado, logo percebeu que os barulhos vinham do seu escritório. Ele abre a porta devagar e ver a Débora revirando tudo em seus armários e livraria.

- O que você está fazendo, Débora?...

- ...Você não me contou a verdade, papai! - diz ela em gritos de pura loucura -, então, já que o senhor não me contou a verdade, eu vou em busca dela! - continua ela desesperada e sai virando o escritório de cabeça-para-baixo.

- Mas eu te falei a verdade, minha filha! - Alfred vai em sua direção -, Pare com isso!...

Alfred imediatamente segura Débora pelos braços, mas ela empurra-o e exclama de raiva:

- Você havia me falado que a mamãe sequestrou e matou apenas cinco crianças. Essa foi a contagem na sua narrativa que eu mesma contei. - Débora se senta na poltrona, debruça a cabeça em suas mãos e começa a chorar dolorosamente.

Alfred, todo manhoso, vem se aproximando de Débora e fala:

- Mas foi o que aconteceu, minha querida!...

- ...Mentira sua, papai! - ela o encara -, você não vai parar de mentir?...

Débora, muito abatida, recostou-se na poltrona, passou suas mãos sobre a cabeça e começou a narra a sua experiência bizarra:

"- Eu estava lá na floresta com elas... Não são apenas cinco crianças, papai, são várias crianças... Havia mais de vinte crianças em minha volta. Elas me deram medo, pai! Seus olhos negros e seus corpos deformados me causaram pavor! Suas vozes rocas e seus semblantes macabros me deixaram apavorada!... Agora, tu dizes que estás falando a verdade!?... N-não, pai. Não confio mais em nada. Será que eu não tenho o direito de pelo menos saber a verdade sobre a minha própria família!?"

(...) O silêncio tomou conta de Débora.

Alfred se senta no sofá e permaneceu em silêncio por alguns segundos... Inclinou-se para frente, eleva a sua cabeça com um suspiro profundo e sem mais delongas começa a narra...

Ouro Azul, 1987

"No dia 22 de agosto de 1987, antes do seu aniversário - você iria completar 10 anos de idade -, você já não estava muito bem minha filha. Desde quando a sua mãe se suicidou, eu estava tentando de várias formas, de todos

os métodos possíveis para que os médicos pudessem te manter viva. Os custos estavam cada vez mais altos para manter os aparelhos e as medicações em dias; nem conseguia mais me alimentar direito...

"Nós passamos o seu último aniversário no leito de um hospital. Mas eu não queria que você morresse lá e eu não queria desistir de você assim tão rápido. Pedi para os médicos te liberarem, pois, eu queria que você passasse pelo menos seus últimos momentos comigo..."

"Depois de acertar tudo com os médicos, nós voltamos para a nossa casa..."

"Deixei você ficar em meu quarto. Dormíamos juntos. Eu não queria que você ficasse sozinha quando acordada. Mas, nas noites que você dormia, eu me isolava no porão e retornava com os testes da vela artesanal..."

- ...o quê? - Débora o interrompe sorrindo...

"...A sua mãe não sabia da verdadeira fórmula. Deveria ser por ela está muito desesperada com o resultado precoce. Mas eu descobri com vários meses de testes chafurdado naquele porão, noites e noites..."

"Enquanto você estava no hospital, eu comecei a sequestrar várias crianças para continuar o que a sua mãe estava querendo fazer, mas ela só estava enganada em uma coisa: não precisava de oito crianças para executar a mágica. Precisávamos apenas de uma criança e gotas de sangue da pessoa que você queria realizar a magia; nesse caso, seu sangue..."

Débora se levanta e anda - pra lá e pra cá - com as mãos em sua cabeça...

"Eu já tinha pegado mais de dez crianças tentando aprimorar a fórmula, mas nada dava certo. Foi quando eu descobri que não era a quantidade de raspas de ossos, e sim, era o jeito de fazer a mistura da vela."

"Passei um mês para conseguir uma outra criança. Quando consegui, a levei para o porão. A cozinhei em uma panelona grande e deixei ferver até que soltasse toda a sua pele dos ossos..."

"Eu vomitava bastante com o ambiente fétido. Eu me desesperava e, às vezes, eu caía em prantos sozinho enquanto a panela fervia na fornalha nas madrugadas de agonia e solidão. Eu estava me parecendo um bruxo, um mostro..."

- ...Como você as matava? - ela o interrompeu com uma pergunta macabra.

- Eu nunca matei nenhuma criança, minha filha - sorrindo disse ele.

- Hã!? Como assim?...

- Eu esperava que o destino as trouxessem para mim...

- Não entendi?...

- Quando elas morriam, tinham que passar por um legista. Nesse caso, eu. Quando o processo todo acabava, os familiares as enterravam... Na madrugada eu as roubavam dos seus próprios túmulos e as traziam para casa para meus testes hediondos...

"...Quando eu criei a primeira vela e estava convicto que daria certo, eu fui até você; me sentei ao seu lado e sussurrei em seus ouvidos: 'consegui, minha filha!'"

"Você abriu seus lindos olhinhos e me olhou. Deu um sorriso maravilhoso e veio a óbito".

Débora retorna a poltrona e chora como criança. Ela passa sem sessar suas mãos entre seus cabelos e balança suavemente seu corpo para frente e para trás. Suas lamentações em demasia com tudo aquilo que ela estava ouvindo da boca de seu próprio pai. Ficou estática por vários minutos, não se movia para nada... Alfred se levantou e foi caminhando lentamente até ela; sucumbiu-se e acocou a cabeça de Débora suavemente enquanto ela pergunta:

- Como essa tal magia funciona, pai? - Débora olha nos olhos de seu pai -, O que ela faz realmente? -, ela apoia suas mãos no ombro dele enquanto suas lágrimas não param de rolar.

- Eu misturei as raspas de ossos de uma suposta criança com 15 ml do seu sangue e moldei umas velas...

- O que essas velas fazem, na verdade?

- A claridade de suas chamas me traz você como um espírito. Sem elas, eu não consigo ver-te e você não saberá em que lugar estás. Você vê tudo naturalmente, mas eu te vejo como um fantasma. Você poderá se perder nos labirintos do além. No labirinto do submundo se as velas se apagarem.... - Alfred se levante vagarosamente, olha para o candelabro fixados na parede do seu escritório e continua esclarecendo: - As claridades dessas velas são como uma projeção da vida real para as pessoas que estão perdidas do outro lado... Eu acendo as velas e você me ver assim como eu consigo lhe ver... ...foi assim que seu avô fez consigo mesmo, mas a Hellem, tampouco eu, jamais entendemos o que ele estava querendo nos mostrar naquela época. Mas agora eu já sei! Seu avô vive naquele último pedaço de vela que você jogou. Ele queria que a Hellem recriasse mais modelos para que ele pudesse está com ela...

- ...E o que aconteceu com o fantasma que lecionou as instruções para ele?

- Não há fantasma nenhum, filha. Foi seu avô que criou essa magia.

Débora olha para o infinito sem um olhar fixo e pergunta:

- Quer dizer que: Quando essas velas se acabarem eu morrerei, definitivamente?

- Eu ainda tenho uns estoques do seu sangue em uma geladeira no porão, filha.

Débora pôr-se de pé bem devagar. Seus olhos vermelhos fixaram no candelabro na parede com quatro velas acesas. Alfred, cabisbaixo, a observava com a aquela admiração constante para o candelabro. Ela se aproximou mais da lumeeira, de costas para seu pai, ela o falou com aquele tom de voz abatida:

- Me deixe sozinha, por favor!

Alfred acatou-se e retirou-se do seu próprio escritório. Débora, com seus olhos negros cheios de lágrimas, apenas olhou para seu pai se afastado; dirigindo-se para a porta da frente. Entrou em seu carro e saiu por aí...

- Me dê uma cerveja, Arnol'do! - Alfred sentou-se em uma mesa bem de frente para uma janela.

A brisa beijava as vidraças das janelas. Gotas se criavam constantes e rolavam como serpentes nos riachos inundados. O bar não estava com muitos clientes. Havia uns "pingos" de gente ali, outra aqui... O som está em seu volume ambiente - dava-se para conversar civilizadamente.

Na segunda golada em sua cerveja, Alfred vê se aproximando a sua mesa uma linda mulher elegante. Ela tem seus longos cabelos sob um chapéu lindo e florido. Seu vestido longo e azulado combina com seus pares de luvas azuis marinhos. Seus pares de botas ao conforto de seus pés, de couro puro. A sua bolsa não era demasiadamente explícita, era uma pequena bolsa bordada de brilhos e de um coro engraxado.

- Oi? - disse ela ao se encostar na mesa -, você que é Alfred?

- Sim. Sou eu! O que desejas? - Alfred, ainda abatido com tudo que estava se passando com ele, a respondeu com a sua voz fria e pouco se importando com ela.

- É você o dono daquele lindo casarão na colina, senhor, Alfred? - ela continuou em pé por devido à falta de educação de Alfred.

- Sou sim, senhorita! - Alfred eleva a sua garrafa a boca e dá um gole em sua cerveja sem nenhuma importância com ela.

A música - Spending My Time - da banda Roxette começou a tocar naquele ambiente sereno e social. Havia pessoas saindo e chegando ao mesmo tempo. A chuva começou a cair suavemente na cidade de Ouro Azul enquanto aquela mulher misteriosa se aproximou mais um pouco dele e o perguntou:

- Você está disposto em vendê-la?...

- ...não! Com certeza, não, senhorita! Ela é uma herança de família. - Alfred, com um semblante de poucos amigos, a olha em seus os olhos castanhos escuros; ela coloca a sua mão direita em sua pequena bolsa de cor e desfecha a conversa com Alfred:

- Bem, senhor, Alfred - ela retira um cartão de contato -, se mudares de ideia, aqui está meu cartão!...

- ...Já disse - Alfred se altera um pouco -, ela não está à venda!

A mulher misteriosa apenas sorriu para Alfred que pouco se importou com a conversa e coloca delicadamente o seu cartão embaixo da garrafa da cerveja do Alfred.

A conversa foi curta e sem muita pressão na parte dela. Alfred, dando um gole profundo em sua cerveja, a olha nos olhos enquanto ela dá meia volta, vira-se e vai se afastando da mesa dele. Aquela música romântica, ainda na metade, vai deixando o clima com mais suspense entre os dois. A chuva apertou de vez, junto trouxe o vento e os trovões. Um rapaz elegante, no mesmo nível de elegância que ela, abre um guarda-chuva para ela e vão em direção a um lindo carro que está estacionado do outro lado da rua; antes de entrar de vez no carro, ela se vira e sinaliza com um tímido tchauzinho para Alfred...

Alfred ainda permanece no bar por mais uns quarenta minutos. O bar parece estar começando a se esvaziar. As pessoas estão se despedindo um a um. A chuva parece que está dando uma trégua. A música está com o volume mais baixo que no começo. Alfred dá a última golada em sua garrafa com cerveja, se levanta e vai embora...

Alfred Espirfan chega em frente à sua casa e vê tudo escuro, tanto pelo lado de dentro como fora do casarão. Alfred sai do seu carro desesperadamente deixando a

porta do motorista escancarada e vai correndo até à porta da frente.

- Débora?! - Alfred abre a porta rapidamente e fica no salão de entrada gritando pela a sua filha: - Débora...?!
- Alfred não consegue andar direito pela a casa escura. Se bate nos móveis, tropeça de vez enquanto nos elevados do piso e continua a gritar: - Débora, minha filha, o que você fez?! - Alfred conseguiu chegar até a cozinha e pega um isqueiro e o risca...

A luz da chama do isqueiro é muito pequena para os metros cúbicos dos cômodos da casa, mas Alfred vai à procura de Débora mesmo assim...

Ele começa a se desespera quando não ver as velas nos candelabros. Ele coloca a sua mão na cabeça e começa a chorar enquanto vai em direção ao seu escritório.

- Débora?! - Alfred, todo atrapalhado, abre a porta do seu escritório gritando e queima o seu dedo polegar no isqueiro "ah, filho da puta!", disse ele deixando o isqueiro cair no chão.

Naquela escuridão, Alfred se abaixa agoniado, se pôs de quatro e apalpa o carpete grosso com suas mãos para tentar encontrar o isqueiro e logo ouve umas pisadas bem ao seu lado...

As pisadas entram levemente em contatos com o piso acarpetado e grunhidos assombroso mostra que algo se aproxima dele...

- Débora? - ele para de apalpar o piso. - É você filha? - Alfred se tremia todo de nervos, mas conseguiu encontrar o isqueiro a tempo.

Ele ajeita o isqueiro em seus dedos trêmulos, premiu a mola do isqueiro em três tentativas; na quarta tentativa ele conseguiu acender o isqueiro e logo ver várias crianças deformadas com faces irreconhecíveis em pé, bem ao seu lado.

Alfred se levanta em desespero demasiado. Na correria, ele deixa o isqueiro cair mais uma vez, mas, desta vez, ele não se abaixou por nada e continuou a correr...

- Débora! - seus gritos ecoam por todo o casarão. - Cadê você?

Alfred corre pela a sala e se esbarra em crianças em sua frente. Elas o seguram, o puxam e, por sorte, ele conseguiu encontrar a escada.

- Saiam! - ele grita em desespero. - Eu não tive culpa!

Alfred sobe a escada se apoiando no corrimão e elas começam a puxa-lo. Ele as empurram e grita:

- Me deixem em paz!...

Alfred vai correndo pelo o corredor inabilmente e sai derrubando quase tudo que havia por lá. Ele conseguiu encontrar a escada de acesso ao sótão e a subiu às pressas...

(...)

- Débora, minha filha, não faça isso! - Alfred, logo ao entrar no sótão às carreiras, ele presencia Débora bem perto da janela segurando uma única vela ainda acesa. Ela se vira para ele com aquela sua aparência quase irreconhecível e começa a falar:

- Tudo acaba aqui, pai. - ele vem se aproximando dela. - Meu avô morreu com essa psicopatia. Minha mãe se matou com essa necromancia neurótica e agora restou apenas você, papai! Eu irei apagar esta vela e não quero que você a acenda nunca mais ela. Eu não existo mais para você, pai. Eu morri na cama da mamãe há três anos. Eu não preciso estar vagando neste plano de vida só porque não soubeste cuidar de mim enquanto havia vida em mim. Me prometa que nunca mais vai acender esta vela, pai!

Alfred cai de joelhos e começa a chorar diante à Débora toda deformada e com feição cadavérica. Ele estende seus braços para ela e roga:

- Não faça isso, minha filha! Eu te imploro!

Débora, com um suave sopro, apaga a vela e desaparece diante dos olhos de Alfred, instantaneamente. A vela cai sobre o chão de madeiras empoeirado e rola para baixo do armário de livros... Alfred, com suas mãos na cabeça, chora bastante. Se debruça no chão sujo e frio e

está completamente sozinho agora. Não tem mais ninguém; apenas seus remorsos, sua culpa, as mortes em suas costas e a casa com aqueles espíritos que vagam perdidamente em suas paredes frias e sombrias...

...Ouro Azul. 1992

- Olá, Sra. Antônio! Aqui estamos na mansão da família Espirfan. - disse a corretora à uma senhora que há um ano estava louca para compra-la.

- Ela é linda! - ela abre seus braços. - Magnifica! Amo ela. - Antônio, a senhorita misteriosa, está bem de frente a mansão e a olha admiradamente.

- Ela tem vários cômodos. É bem espaçosa, arejada e há um enorme quintal; quase toda aquela floresta ali atrás faz parte dos hectares da mansão, Sra. Antônio.

- O que aconteceu com o dono da mansão, Catarina? - Antônio, curiosamente, interrogou a corretora do imóvel.

- Ah, Sra. Antônio, é uma história muito longa e dramática...

- ...Resume. - Antônio interrompeu com ansiedade batendo no ombro direito de Catarina.

- Dizem por aí, que a polícia o encontrou enforcado lá no sótão. Outros dizem que ele sumiu ao se embrenhar mata a dentro...

- Adoro esses tipos de histórias, ainda mais na minha própria casa, agora! - Antônio cai em gargalhadas e vai



se dirigindo no extenso caminho até a porta com Catarina ao seu lado...

...A conversa se oculta com a batida suave da porta se fechando...

FIM

Agradecimentos:

Agradeço a você que leu meu primeiro Conto.